



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e
Sustentabilidade na Amazônia- PPG/CASA
Mestrado acadêmico

KATIUSCIA DA SILVA AUZIER

**O ARTESANATO DE NOVO AIRÃO:
SUSTENTABILIDADE E IDENTIDADE CULTURAL NA ECONOMIA CRIATIVA.**

Manaus, AM

2017

KATIUSCIA DA SILVA AUZIER

**O ARTESANATO DE NOVO AIRÃO:
SUSTENTABILIDADE E IDENTIDADE CULTURAL NA ECONOMIA CRIATIVA.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Katia Helena S. C. Schweickardt.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

Manaus, AM

2017

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A944a Auzier, Katiuscia da Silva
O artesanato de Novo Airão: : Sustentabilidade e Identidade Cultural na Economia Criativa / Katiuscia da Silva Auzier. 2017
116 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Katia Helena S. C. Schweickardt
Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Artesanato. 2. Cultura. 3. Economia Criativa. 4. Identidade . I. Schweickardt, Katia Helena S. C. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

KATIUSCIA DA SILVA AUZIER

**O ARTESANATO DE NOVO AIRÃO:
SUSTENTABILIDADE E IDENTIDADE CULTURAL NA ECONOMIA CRIATIVA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Katia Helena S. C. Schweickardt, Presidente.
Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª. Dr^ª. Edilza Laray de Jesus, Membro.
Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues Chaves, Membro.
Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª. Dr^ª. Therezinha de Jesus Fraxe, Membro.
Universidade Federal do Amazonas

Dedico esse trabalho à minha mãe Elizabeth, minha força nos momentos mais desafiadores, por me incentivar a crescer e a fazer sempre o meu melhor. Meu exemplo de força, amor e fé.
Essa é por nós.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Dionísio e Elizabeth, responsáveis pela minha formação pessoal, por sempre acreditarem em mim. Seus cuidados me dão a certeza de que não estou sozinha na caminhada da vida. Ao meu pai, agradeço o suporte e a confiança. A minha mãe, pelo amor, conforto, paciência, cumplicidade e por estar ao meu lado em todos os momentos.

Minha irmã pelo carinho e minha sobrinha/afilhada, meu sorriso e minha leveza.

A meu noivo, meu companheiro nas idas ao campo de pesquisa, um parceiro forte e sensível. Obrigada pelo apoio nos momentos de angústia e pelo incentivo constante.

Aos amigos de perto e de longe que compartilharam momentos marcantes dessa caminhada.

Aos criativos artesãos da Fundação Almerinda Malaquias, Nov'Arte e Associação dos Artesãos de Novo Airão pela disponibilidade, confiança e generosidade de compartilharem comigo suas histórias de vida e trabalho, repletas de desafios, mas também muita coragem. Obrigada pela recepção sempre acolhedora.

Aos companheiros da turma PPG-CASA 2015, cúmplices dessa empreitada. Agradeço pelos momentos de aprendizado mútuo, pela generosidade, pelo bom humor, e por dividirem os momentos de apreensão ao longo do mestrado. Atenção especial para Rita Mariê, Amanda Lorena e Antônia Diógenes, por partilharem comigo suas experiências e pela torcida fraterna.

A professora Mestre Cristiane Barroncas por sua orientação cuidadosa no estágio de docência, uma amiga, sempre me incentivando e torcendo.

À professora Dra. Katia Helena S. C. Schweickardt minha orientadora neste estudo, pela acolhida que recebi neste, para mim, novo ramo do conhecimento que é a antropologia, pela orientação acadêmica recebida, pela presença firme, por compartilhar seus conhecimento e experiências, por respeitar meu ritmo de trabalho e meus limites. Minha admiração e respeito.

Aos professores dos PPG-CASA, (uma sigla que concebe muita bem minha vivência no Centro de Ciências) pelas discussões, pelas provocações, um convite para que abandonássemos nossa zona de conforto. Obrigada aos professores pela amizade, simplicidade e disposição a ajudar.

À minha amiga prof^a. Dra. Jocilene Gomes por me iniciar na área da pesquisa de forma responsável com fortes valores sociais, lapidando minha atuação como turismóloga e pesquisadora que vive e estuda a Amazônia. Seu apoio e incentivo na preparação para seleção

do mestrado, obrigada pelas conversas, pelos direcionamentos, por me ajudar a entender os processos que percorri nesses dois anos de pesquisa.

A Universidade Federal do Amazonas pela oportunidade e incentivo à pesquisa por meio do Programa de Pós Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida para a realização da pesquisa.

“Todo amazônida tem direito ao pleno uso, gozo e fruição dos seus recursos naturais existentes na área, desde que o faça de modo não destrutivo. Fica estabelecido o seu direito à subsistência, liberdade de escolha, livre iniciativa, trabalho produtivo e justiça social, e resguardada a sobrevivência das gerações futuras e ao convívio harmonioso com a natureza”.

Samuel Benchimol.

RESUMO

A cidade de Novo Airão, localizada no Estado do Amazonas, destaca-se por sua rica biodiversidade, mundialmente conhecida pelo Parque Nacional de Anavilhanas e pelo Parque Nacional do Jaú. Neste estudo, dá-se destaque à sua sociodiversidade, especialmente ao trabalho realizado pela Associação de Artesãos de Novo Airão (AANA), Nov'Arte e Fundação Almerinda Malaquias (FAM), núcleos de artesanatos que tem por base a elaboração de produtos artesanais, trançados de arumã e madeira, respectivamente. O trabalho dos artesãos foi analisado a partir das perspectivas dos próprios artesãos, o entendimento dos processos de produção por meio da manifestação objetiva da cultura, do social e do ambiental. Assim, o presente estudo propõe analisar as dinâmicas contemporâneas do artesanato de Novo Airão e o modo como essa produção pode funcionar como mediadora das relações sociais e econômicas locais articuladas com a economia criativa, e sua apropriação simbólica e econômica da natureza. A partir do cruzamento de fronteiras entre a antropologia, racionalidade ambiental e a economia criativa foi traçado o trabalho dos artesãos e suas dinâmicas. Quanto à metodologia, caracteriza-se como etnográfica com abordagem qualitativa, tendo como procedimentos técnicos a pesquisa bibliográfica e o estudo de campo junto aos artesãos e representantes das Associações. Para desenvolver as reflexões pertinentes em torno de cultura, artesanato e economia, foi necessário repensar o padrão de crescimento e economia, conduzindo ao estreitamento do desenvolvimento e da cultura. Este estudo se concentrou nos artesãos, no seu dia-a-dia, suas limitações, seus anseios, suas relações, sua produção e sua cultura.

Palavras chaves: Artesanato; Cultura; Economia Criativa, Identidade.

ABSTRACT

Novo Airão town, located in the State of Amazonas, stands out for its rich biodiversity, known worldwide by the Anavilhanas National Park and the Jaú National Park. In this study, its sociodiversity is highlighted, especially to the work carried out by the Association of Craftsmen of Novo Airão (AANA), Nov'Arte and Fundação Almerinda Malaquias (FAM), centers of crafts that are based on the elaboration of handicraft products, Arumã and wood braids, respectively. The work of the artisans was analyzed from the perspectives of the craftsmen themselves, the understanding of the production processes through the objective manifestation of culture, of social and of environmental. Thus, this study proposes to analyze the contemporary dynamics of the crafts of Novo Airão and the way in which this production can act as mediator of the local social and economic relations articulated with the creative economy, and its symbolic and economic appropriation of nature. The work of the craftsmen and their dynamics were traced from the crossing of frontiers between anthropology, environmental rationality and the creative economy. Regarding the methodology, it is characterized as ethnographic with a qualitative approach, having as technical procedures the bibliographical research and the field study with the artisans and representatives of the Associations. In order to develop the relevant reflections on culture, crafts and economics, it was necessary to rethink the pattern of growth and economy, leading to the narrowing of development and culture. This study focused on craftsmen, their daily lives, their limitations, their longings, their relationships, their production and their culture.

Keywords: Handicraft; Culture; Creative Economy, Identity.

LISTA DE SIGLAS

AANA- Associação dos Artesãos de Novo Airão.

APA – Área de Proteção Ambiental

APP - Área de Preservação Permanente

FAM – Fundação Almerinda Malaquias.

FUNBIO - Fundo Brasileiro para a biodiversidade

FAPEAM - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas.

FUNAI - Fundação Nacional do Índio.

FVA- Fundação Vitória Amazônica

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPAAM- Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas

IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas

ONG – Organização Não Governamental

PAIC – Programa de Apoio à Iniciação Científica do Amazonas.

PIB – Produto Interno Bruto

PNJ – Parque Nacional do Jaú

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas.

UC - Unidades de Conservação

UEA – Universidade do Estado do Amazonas.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Entrevistando os artesãos no seu ambiente de trabalho.....	21
Figura 02 - Mapa da cidade de Novo Airão (AM)	23
Figura 03 - Mapa do Mosaico de áreas protegidas do baixo Rio Negro	24
Figura 04- Praia da cidade em época de cheia.....	25
Figura 05- Localização das instituições: Avenida Ajuricaba (Rua central da cidade) (A); Associação de Artesãos de Novo Airão (B); Fundação Almerinda Malaquias (C)	26
Figura 06- Construção da Fundação Almerinda Malaquias	29
Figura 07- Espaços da Fundação Almerinda Malaquias nos dias atuais: Para chegar à loja o visitante passa pela produção (A); Oficina (B); Entrada da loja da Nov'Arte (C) Sala de Aula (D); Oficina reciclagem de papel (E) e Mesa de trabalho (F).	30
Figura 08- Artesão entalhando	31
Figura 09- Produtos fabricados pela Nov'Arte	32
Figura 10- Banner da Nov'Arte em exposição na FAM	32
Figura 11- Sapo cantador ganhando forma e finalizado.....	33
Figura 12- Animais em madeira da Nov'Arte	34
Figura 13- Mãos do artesão e seu início de produção (A); Arraias em madeira da Nov'Arte (B).....	35
Figura 14- Madeiras armazenadas na FAM.	35
Figura 15- Caixa com amostras das madeiras.	36
Figura 16- Espaço interno da loja da Nov'Arte.....	37
Figura 17- Distribuição do trabalho	37
Figura 18- Artesãos trabalhando.....	38
Figura 19- Artesã furando caroço de tucumã (A); Mesma artesã explicando os processos da reciclagem (B)	39
Figura 20- Assembleia da AANA, na própria sede	40
Figura 21- Entrevista com o Presidente da AANA.	41

Figura 22- A Associação de Artesãos de Novo Airão: Loja da AANA (A); Galpão para produção (B); Áreas externas da AANA (C).....	42
Figura 23- Artesãs tecendo.....	42
Figura 24- Arumã (A); Fibras de arumã (B).....	43
Figura 25- Trançado com fibras de arumã da AANA	43
Figura 26- Produtos em exposição na loja da AANA	44
Figura 27- Entrada da loja da AANA.....	46
Figura 28- As mulheres na comemoração dos 20 anos da AANA.....	47
Figura 29- O entalhe e o trançado.	50
Figura 30- O artesanato (Artesão + Produto)	54
Figura 31- O fazer manual dos artesãos de Novo Airão.	59
Figura 32- A arte representada no produto e nos espaços das instituições.....	60
Figura 33- Três gerações de artesãos da AANA	62
Figura 34- Boto ganhando forma	64
Figura 35- Dimensão de desenvolvimento da economia criativa.....	67
Figura 36- Ciclo da economia criativa.	68
Figura 37- Praia em frente à cidade (A); Terminal Hidroviário interdito (B).	74
Figura 38- Destalo em tiras	77
Figura 39- Tanque da AANA.....	78
Figura 40- Mapa das unidades de conservação bacia do rio Unini	79
Figura 41- O tingimento	80
Figura 42- Árvore goiaba-de-anta.	80
Figura 43- O trançado da fibra	81
Figura 44- Produção de jogo de mesa	81
Figura 45- Artesã trançando	82

Figura 46- Recepção da artesã na loja (A); A produção acontece normalmente durante a entrevista (B).	83
Figura 47- Classificação dos tipos de Resíduos de Madeira	84
Figura 48- As madeiras utilizadas pela Nov'Arte.	85
Figura 49- Armazenamento da madeira	87
Figura 50- Galpão da FAM	87
Figura 51- Identificação dos artesãos em suas peças	88
Figura 52- Artesãos da Nov'Arte produzindo.	89
Figura 53- Tartaruga em madeira da Nov'Arte	89
Figura 54- Uma tarde na sede da AANA	90
Figura 55- Fibras e cores	91
Figura 56- Espaços na FAM para a educação Infantojuvenil.....	92
Figura 57- A produção com reciclagem de papel.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I: A DINÂMICA ORGANIZACIONAL EM NOVO AIRÃO	27
1.1 Fundação Almerinda Malaquias: A arte de transformar madeira morta em bichos da Amazônia.....	27
1.2 Associação de Artesãos de Novo Airão: Da floresta alagada aos trançados de tradição indígena	39
1.3 A partir das identidades culturais que se estabelecem as relações	46
1.4 Contexto local: dimensão econômica e empreendedorismo local.....	53
CAPÍTULO II: O SENTIDO ECONÔMICO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL DE NOVO AIRÃO	58
2.1 O artesanato na economia: “No trabalho manual o homem exerce sua atividade Criadora”	58
2.2 Cultura: o fermento do bolo, não mais a cereja.....	64
2.3 O valor dos conceitos e das ideias na nova economia.....	66
2.4 Economia criativa: valorização da criatividade e do talento humano	67
CAPÍTULO III – APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA E ECONÔMICA DA NATUREZA	72
3.1 Entendendo a Novo Airão “protegida”	72
3.2 Aproveitando o que a natureza oferece	76
3.3 Saber e saber fazer.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICES	105
ANEXOS	115

INTRODUÇÃO

Conquistando novos mercados e ganhando outro sentido, o artesanato tem se tornado uma atividade economicamente viável, agregando valor justo aos seus produtos e alcançando uma ótima qualidade. Como também, uma grande importância socioeconômica no cenário atual do Brasil. Reconhecido como fonte geradora de trabalho e renda, formador de mão-de-obra e reprodutor da cultura brasileira.

O artesanato é um produto diferenciado pela carga cultural e pela identidade societária que carrega, ou, em uma linguagem estritamente econômica, um produto com um valor agregado. Essa atividade é configurada nesse estudo como heterogênea e complexa, uma forma de expressão cultural tradicional e contemporânea, envolvida em diferentes tecimentos sociais. Esse estudo apresenta algumas reflexões construídas em torno da cultura como valor agregado na produção do artesanato, este visto como “as mãos visíveis do mercado”, um fenômeno social que abrange dimensões culturais, ambientais e econômicas, uma diversidade enraizada na cultura local.

Dados do Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam a relevância social e econômica da produção artesanal, números que apontam o crescimento da atividade artesanal. As especificidades do trabalho artesanal enquanto produtor de cultura e de mercadoria inserido na economia criativa é o fio condutor para a discussão que estabeleço nesse trabalho.

Essa dissertação aborda como a produção artesanal dos artesãos da cidade de Novo Airão pode funcionar como mediadora das relações sociais e econômicas, dando destaque a sociodiversidade do trabalho realizado pela Associação dos Artesãos de Novo Airão (AANA), Fundação Almerinda Malaquias (FAM) e Nov’Arte, núcleos de artesanatos que tem por base a elaboração de produtos artesanais, trançados de arumã e madeira, respectivamente.

A escolha da cidade de Novo Airão, se deu em virtude de vários aspectos, especialmente por seu contexto histórico e por ser uma área de proteção ambiental, requerendo, em virtude disso, uma série de precauções quanto ao modelo de desenvolvimento a ser adotado.

Meu interesse pelos processos de produção do artesanato de Novo Airão se concretizou nos dois últimos anos do curso de Turismo (2008-2012), na experiência como bolsista no Programa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (PAIC/FAPEAM), aquela época, estudando as referências culturais da cidade,

tinha como sujeitos da pesquisa, pessoas e/ou instituições que fomentavam ou estavam de alguma forma ligados à cultura local. Sendo que duas instituições muito me chamaram a atenção pelo trabalho que desenvolviam, decidindo analisa-las no trabalho de conclusão de curso, em que voltei meu olhar especificamente às inter-relações do trabalho dos artesãos¹ com o turismo na cidade.

Com a referida pesquisa constatei na época que estas instituições compartilhavam de experiências econômicas, cooperação e autogestão comunitária e que o artesanato trouxe inúmeros benefícios aos artesãos, se tornando um atrativo que compunha o produto turístico local, trabalhado com responsabilidade em todos os seus aspectos e sendo compreendido como garantidor de melhorias.

A partir dessas conclusões, interessei-me a compreender como se dava a articulação da produção dessas instituições frente às demandas de mercado. Demanda que se interessa pela peculiaridade do produto em questão. Um artesanato que reflete o lugar vivido pelos artesãos, uma cidade abraçada por Unidades de Conservação. Como se estabelece a relação com a natureza e se os artesãos locais são conduzidos por uma consciência ambiental, foram dúvidas que levantei ao final da graduação.

Observando que ambos os núcleos trabalham com matéria prima de extração vegetal combinando criatividade com ganhos comerciais, minha orientadora na época, professora doutora Jocilene Gomes traz para nossas discussões nas orientações o termo economia criativa, que se mostra como a mais recente linha de pesquisa em economia.

Newbigin (2010) utilizando da definição do governo do Reino Unido discute a economia criativa como “aquelas atividades que têm sua origem na criatividade, na habilidade e no talento individual, e que potencializam a criação de emprego e riqueza através da geração e exploração da propriedade intelectual” (2010, p.17).

Como alternativa para elucidar tais questionamentos, logo desenvolver a pesquisa, transformei as inquietações em objeto de estudo na dissertação e almejo com os resultados de uma experiência específica, a dos artesãos de Novo Airão, gerar dados que colaborem tanto para a compreensão da economia local quanto para fornecer dados relevantes que venham contribuir com essa relação: conhecimentos tradicionais, relações sociais mediante uma economia criativa. Compreender como esse cenário, relacionado ao artesanato como alternativa de renda (frente às demandas de mercado) e de valorização da diversidade cultural,

¹ Artesãos – portadores de conhecimentos práticos capazes de identificar ocorrências de recursos naturais, e capaz de extraí-los adequadamente e de transformá-los em artefatos passíveis de comercialização; a afirmação cultural vem junto com a capacidade de gerar produtos, com devidos correspondentes monetários, que concorrem para consolidar a vida em grupo e seus fundamentos intrínsecos (ALMEIDA, 2001, op.cit., p. 2).

contribui para o desenvolvimento local e, sobretudo, os interesses e as experiências dos artesãos.

A partir dessa proposição aponta-se para a complexidade de se fazer as aproximações do conceito de Economia Criativa e o contexto sociocultural das instituições escolhidas para o estudo. Desenvolver as reflexões pertinentes em torno de cultura, artesanato e economia, fez necessário repensar o padrão de crescimento, conduzindo ao estreitamento do desenvolvimento e da cultura.

O objetivo central dessa dissertação é analisar as dinâmicas contemporâneas do artesanato de Novo Airão (AM) e o modo como essa produção pode funcionar como mediadora das relações sociais e econômicas locais articuladas com a economia criativa, e sua apropriação simbólica e econômica da natureza.

A pesquisa possui três objetivos norteadores: compreender os processos de reprodução identitária dos artesanatos fabricados na AANA e na FAM frente às novas demandas de mercado e particularmente pela sustentabilidade da Economia Criativa, identificar os aspectos socioculturais e ambientais presentes na produção dos artesãos das instituições selecionadas para o estudo e analisar as correlações entre as demandas contemporâneas de mercado e a produção do artesanato local, a partir dos processos de fabricação dos artesanatos.

Parto da perspectiva que as instituições estudadas nessa pesquisa possuem forte cunho social, sendo que o artesanato não só é percebido unicamente como fonte de renda, mas também como um agente de mudanças para a cidade de Novo Airão. Problematizo, entretanto como a produção do artesanato pode mediar às relações sociais locais, produção esta inserida na lógica da economia criativa, procurando entender a racionalidade de suas práticas sociais e o uso dos recursos para o desenvolvimento local. Podendo revelar conflitos ou racionalidade em suas práticas sociais em que o processo de produção artesanal e as relações sociais podem assinalar para estratégias veladas de conservação ambiental.

Esta dissertação é um estudo etnográfico, observação por meio de uma interpretação que depende da descrição, uma construção que envolve significados e experiências (CLIFFORD, 1998).

Para Clifford Geertz (2001) a etnografia tem uma função: ela coloca alguns de “nós” no meio de alguns “eles”, e alguns “eles” no meio de “nós”. Ela fornece narrativas e cenários para refocalizar a nossa atenção, com o objetivo de permitir nos conhecermos uns aos outros. É necessário compreender, no sentido de perceber a diferença, mas não é necessário compreender no sentido de concordar e ter a mesma opinião. O autor sabe que é um exercício árduo, mas é uma habilidade que temos que desenvolver. É no fortalecimento do poder de

nossas imaginações, entender o que está diante de nós, que se encontram os usos da diversidade.

Exercitar a etnografia nos permite criar relações, ir a campo, registrar os detalhes e selecionar informantes, porém mais que isso, é disciplinar o olhar, requer um esforço intelectual, “o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem” (GEERTZ, 1989, p.7). A observação, o relato, as conversas são meios para alcançar uma apreensão e posteriormente apresentação dessas complexas estruturas e comportamentos que abarcam a cultura.

A etnografia permite ao pesquisador registrar a fala, o discurso social, “... ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato” (GEERTZ, 1989, p.14).

Ocorre a valorização do que foi dito, e não simplesmente o ato de falar, logo cabe ao pesquisador que utiliza da etnografia para obter seus dados, a observação, o registro e a análise (GEERTZ, 1989). Oliveira (2000) reitera a importância de disciplinar nosso olhar e nosso ouvir, sentidos tão comuns que na prática da pesquisa assumem importância e particularidade frente nossa percepção.

O conceito de campo se faz importante nas tentativas de captura das respostas para as inquietações levantadas a respeito dos sujeitos. Pierre Bourdieu (1989, p.27) compreende que “ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de que retira o essencial das suas propriedades”. Ressaltando a importância do olhar atento, a busca por compreender a realidade dos artesãos de Novo Airão, observando sua praticas.

A coleta dos dados seguiu o procedimento do olhar e ouvir, sentidos tão comuns que na prática da pesquisa assumem importância e particularidade frente nossa percepção. Comungando com o pensamento de Roberto Cardoso (2000, p.21) acreditamos que “nesse ímpeto de conhecer que o ouvir, complementando o olhar, participa das mesmas condições desse ultimo, na medida em que esta preparado para eliminar todos os ruídos que lhe pareçam insignificantes”.

Entendendo que um, completa o outro e prezando pela importância dos significados, o olhar sobre os artesãos das instituições estudadas, transformando “madeira morta” em um bicho da fauna local ou uma “sem vida” fibra de arumã em uma luminária, é perceber um fazer cuidadoso e paciente, porém quando os mesmos trazem sua fala, expande o

entendimento de quem o observa. Ao explicar o modo de produção e o valor que agregam a peça fabricada.

O trabalho de campo foi realizado em 2016, em viagens com motivos e permanência distintas. Em Julho de 2016 realizei viagem para a cidade de Novo Airão com intuito de obter consentimento prévio da FAM e AANA, como também da secretaria municipal de cultura, tendo um ex-presidente da AANA, como secretário.

Após a conclusão das pesquisas realizadas enquanto graduanda, minha orientadora na época Prof.^a Jocilene Gomes organizou uma reunião com artesãos e representantes da FAM e AANA para que apresentássemos os resultados das pesquisas para os mesmos. Um respeito pelos entrevistados e por esses sujeitos observados, um simples gesto de retorno para aquelas instituições, que há época sem perceber, deixou as portas abertas para futuros retornos, sentido quando voltei ou fiz contato com as instituições ora mencionadas para o mestrado.

Conhecer a dinâmica da cidade, recordar o cotidiano das instituições, os dias mais intensos de produção, nas quais poderia encontrar um numero maior de artesãos nas respectivas sedes, saber quem procurar para devidas autorizações, ser reconhecida por alguns artesãos por conta das pesquisas anteriores, refletiu diretamente na relação a ser construída com os demais artesãos.

O trabalho de campo ocorreu mais intensamente no período de setembro a novembro, permanecendo na cidade por períodos de até cinco dias, entre idas e vindas de Manaus, com predominância de dias da semana, quando presenciava o cotidiano dos artesãos. Pude coletar os dados necessários sobre a produção, desde a obtenção da matéria-prima à confecção dos artefatos. Ocorrem que os locais da produção são também os locais de venda de ambas as instituições.

Todos os artesãos foram abordados, pessoalmente, pela entrevistadora e convidados a participar da pesquisa, receberam, num primeiro momento explicações sobre a natureza e a finalidade do estudo. Após consentimento do entrevistado, solicitou-se permissão para gravar a entrevista enfatizando o sigilo da identidade na pesquisa. Houve a preocupação de criar um clima de confiança e respeito. Foram entrevistados quinze sujeitos ao total, sendo oito artesãos, o presidente da AANA, um dos fundadores e três coordenadores da FAM e secretário Municipal de Cultura. Em Manaus realizei apenas uma entrevista, com o representante da Fundação Vitória Amazônica (FVA)², citada em algumas entrevistas por artesãos e diretores, devido também a sua representatividade na AANA.

² Organização não governamental sediada em Manaus que executa projetos direcionados à conservação ambiental e à promoção social, que atua na área da bacia do Rio Negro (FOLHETO FVA, s/d).

O instrumento utilizado na pesquisa foi a entrevista semiestruturada a qual admite a construção de uma relação entre as pessoas envolvidas no processo. A entrevista conduzida pela pesquisadora mediante algumas questões em uma ordem predeterminada, como dados do participante, abordando depois tópicos que permitissem coletar informações, de forma não rígida, seu dia-a-dia, suas facilidades e dificuldades, mas dentro de cada questão foi grande a liberdade do entrevistado. Sendo levantadas outras, a depender das respostas dos entrevistados, muitos concederam entrevista realizando seu ofício (Figura 01), suas falas entrelaçadas a prática do entalhe ou do trançado me ajudaram a melhor compreender suas histórias.

Figura 01 - Entrevistando os artesãos no seu ambiente de trabalho.



Foto: José Antunes Neto, 2016.

O principal material trabalhado foi a memória dos sujeitos. Maurice Halbwachs (2006) afirma que a memória é um ato criativo, é trabalho. O sujeito seleciona do passado o que lhe interessa e só lembra porque está inserido em uma estrutura social. O indivíduo não pensa de maneira intencional, mas em razão de condições que encontra, pelos outros e para os outros, pois é por meio do coletivo que se busca o universal.

Juntamente com a entrevista, a observação foi fundamental na pesquisa, essa técnica, como bem evidencia Richardson (1999, p. 259) “é o exame minucioso ou a mirada atenta sobre o fenômeno no seu todo ou em algumas de suas partes, é a captação precisa do objeto examinado”. Em outras palavras, um olhar cuidadoso em sua busca para registrar o máximo de acontecimentos no local pesquisado. Foi com esse intuito a utilização desse instrumento de coleta de dados a observação não participante.

As informações foram gravadas em áudio, na transcrição dos discursos verbais dos artesãos, para a escrita e da escrita para a seleção dos trechos que estão aqui citados,

reconheço a existência de incontáveis perdas, como também a própria dinâmica das entrevistas. As entrevistas realizadas nas sedes das instituições assumiam um caráter específico, pois sempre encontrava os artesãos trabalhando em grupo, na FAM as bancadas de trabalho e maquinários são próximos, buscando um ao outro para respostas sobre a atividade da Fundação, algum comentário do “vizinho” a respeito das relações econômicas, não diferente na AANA, sempre talhando juntos, um corrigindo ou completando a fala do outro.

Após a coleta de dados, foram realizadas as transcrições de todas as entrevistas gravadas para que pudesse utilizar de maneira mais rica, todo o material relatado. Os trechos citados ao longo do texto foram extraídos das entrevistas; ou são expressões ou falas repetidas entre os diálogos informais. E as situações descritas pela pesquisadora são resultado da observação realizada nas sedes das instituições ao longo das idas a campo.

Também foi utilizada a fotografia um método de estudo eficiente, um olhar sobre a realidade, como ressalta Bittencourt “imagens fotográficas retratam a história visual de uma sociedade, documentam situações, estilos de vida, gestos, atores sociais e rituais, e aprofundam a compreensão da cultura material, sua iconografia e suas transformações ao longo do tempo” (1998, p.199).

Fazendo uso do diário de campo, revivem-se os quatro meses in loco, procurando registrar as expressões, as pausas, a falta das palavras e as longas horas de conversas. Entendendo que as pesquisas realizadas anteriormente possibilitaram construir uma linha do tempo, apreender as mudanças e as reconstituições nas instituições. Apesar de separar as instituições nos tópicos seguintes, ao final do capítulo realiza-se uma análise conjunta delas para destacar os principais fatores que influenciam o desenvolvimento dos empreendimentos.

O trabalho dos artesãos foi analisado a partir das perspectivas dos próprios artesãos, o entendimento dos processos de produção por meio da manifestação objetiva da cultura, do social e do ambiental, especificidades estudadas por compreender que o mercado de trabalho não pode ser visto como homogêneo. A partir do cruzamento de fronteiras entre a antropologia, racionalidade ambiental e a economia criativa, foi traçado o trabalhos dos artesãos e suas dinâmicas.

A apresentação do estudo será feita em três capítulos, além desta seção de introdução e as considerações finais. No primeiro, as instituições e os fatores que influenciam o desenvolvimento dos empreendimentos. No segundo, o artesanato e sua articulação com a economia criativa, no terceiro os produtos e apropriação simbólica e econômica da natureza, ao fim as considerações finais do estudo.

Os sujeitos sociais desta pesquisa atuam no município de Novo Airão. A fim de conduzi-los pela cidade, escolhi alguns de seus dados referentes ao espaço físico, histórico e atividades econômicas.

A cidade de Novo Airão (AM) é uma região do Rio Negro/Solimões, com uma área de 37.771 Km². Sua população é calculada em 14.723 habitantes, sendo assim distribuídos 64.5% da população habitam na zona urbana e 35.5% na zona rural dispostos em 25 comunidades (IBGE, 2010). A cidade é localizada (Figura 02) à margem direita do Rio Negro, a uma distância de Manaus de 143 km por via fluvial e 195 por via terrestre. A história oficial do município iniciou-se em Santo Elias do Jaú (Airão) fundada em 1693, foi o povoado mais antigo da colonização portuguesa no rio Negro, hoje conhecido como Airão velho.

Figura 02 - Mapa da cidade de Novo Airão (AM).



Elaborado: Monica Costa, 2016.

A ocupação, dominação e exploração portuguesa foram consolidadas pelas atividades missionárias e extrativistas do século XVII. Com a instalação definitiva do povoamento de Santo Elias do Jaú, a vida econômica girou em torno de atividades extrativistas, da pesca e de trabalhos de catequização de outros povos indígenas do baixo Rio Negro. Em 1759 a aldeia de Santo Elias do Jaú é elevada à categoria de “lugar” e passa a ser chamada de Airão (JESUS, 2010; REIS, 1959; FVA - IBAMA, 1998).

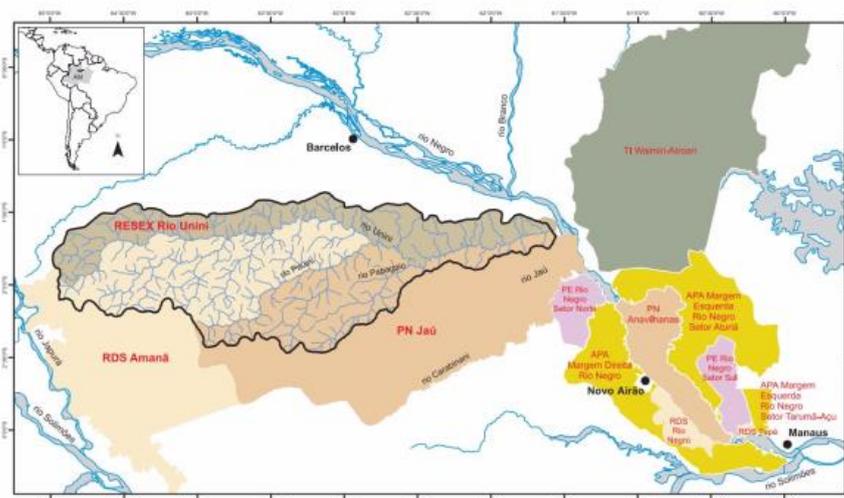
A partir de 1880, com a produção da borracha e o consumo de mercadorias importadas até mesmo da Europa nos anos de 1890, 1900 e 1910, a economia foi intensificada tanto no povoado de Airão quanto em comunidades ribeirinhas. O ritmo de vida econômica de Airão

foi acelerado com a construção de várias casas de alvenaria e de armazéns, bem como a inserção de novos hábitos alimentares e de consumo introduzidos pelos migrantes e imigrantes. No ano de 1970 a sede do município passou a ser Novo Airão e a justificativa para tal mudança se deve principalmente a menor distância entre Novo Airão e Manaus, a capital do Estado do Amazonas e a facilidade de transportes fluviais para as populações se deslocarem.

A cidade teve em seu passado a prosperidade da indústria naval, período no qual o trabalho artesanal dos construtores de navio, desencadeou várias visitas de turistas movidos pela curiosidade de conhecer as formas de construção dos barcos da região. Muitos dos estaleiros foram desativados por falta de demanda, de investimentos e pela dificuldade de aquisição da madeira, que tem sua exploração proibida pelo IBAMA (REIS, 1959; FVA, 1998).

Novo Airão é cercada por Unidades de Conservação (Figura 03), de proteção integral e uso sustentável: Parque Nacional de Anavilhanas, Parque Nacional do Jaú, Área de Proteção Ambiental (APA) direita do Rio Negro e a Reserva Indígena Waimiri-Atroari, onde o acesso dos visitantes é restrito ou somente permitido com autorização dos órgãos competentes como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) ou a Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Figura 03 - Mapa do Mosaico de áreas protegidas do baixo Rio Negro



Fonte: FVA, 2016.

Neste cenário, onde o acesso dos visitantes é restrito, devido ao grande número de áreas protegidas, vivem os sujeitos sociais da cidade que tem como aliado, a grandeza da

região. Para os moradores locais a opção em trabalhar com o artesanato por meio das instituições, surge como uma das formas de obter renda num lugar onde as possibilidades estão restritas por vários fatores políticos, sociais, ambientais, dentre outros, como veremos adiante.

Em outubro de 2011, a conclusão da Ponte sobre o Rio Negro acelera o crescimento da cidade, um aumento populacional e de mudança econômica, atualmente baseada no setor de serviços, seguido da agropecuária (IBGE, 2010). Um aumento associado às belezas naturais do lugar (Figura 04), incentivando as atividades turísticas na cidade e gerando renda, por meio de novos empreendimentos como hotéis e pousadas, restaurantes e comércio.

Figura 04 – Praia da cidade em época de cheia.



Fonte: Katuscia Auzier, 2017.

Atividades agroextrativistas como a pesca, agricultura e extração de produtos florestais madeireiros ou não, mantêm a sua importância. No entanto, são cada vez menos praticadas pelas famílias que se ocupam, atualmente, de outras atividades, como as comerciais e turísticas (NAKAZONO, 2007).

Na cidade de Novo Airão- AM, dois importantes núcleos de artesanato desempenham a função de geração de empregos e fonte de renda. A AANA localizada na Avenida Ajuricaba, região central da cidade e a FAM localizada na AM 352 no KM zero, ambas com acesso pela na avenida principal da cidade (Figura 05), trabalham com matéria prima de extração vegetal, seja no trançado das fibras ou o reaproveitamento de “madeiras mortas”³.

³ Termo presente no material de divulgação da FAM.

Figura 05 – Localização das instituições: Avenida Ajuricaba (Rua central da cidade) (A); Associação de Artesãos de Novo Airão (B); Fundação Almerinda Malaquias (C).



Fonte: Kátiuscia Auzier, 2016.

CAPÍTULO I

A DINÂMICA ORGANIZACIONAL EM NOVO AIRÃO

Nesse primeiro capítulo, reconstruo a historicidade de ambas as instituições estudadas, por meio da fala dos que atuam nos espaços, restringir meu campo de pesquisa ao galpão de produção da FAM e a sede da AANA, procurei observar os sujeitos da pesquisa no seu espaço de trabalho, perceber as interações, como ocorrem às relações naqueles ambientes e o cotidiano da produção artesanal da cidade de Novo Airão. Relatar os muitos significados atribuídos às atividades artesanais, um esforço para apreender as relações locais. A diversidade cultural como fator de fortalecimento das identidades grupais.

1.1 Fundação Almerinda Malaquias: A arte de transformar madeira morta em bichos da Amazônia

A FAM é definida por seus coordenadores e fundadores como uma organização não governamental criada para atender as demandas econômicas e sociais dos moradores da cidade de Novo Airão.

A cidade acolheu muitos imigrantes dos rios Jaú e Unini, situados no Parque Nacional do Jaú (PNJ) ⁴. Registros indicam um expressivo movimento migratório para o município. Aproximadamente 90 % das pessoas que vivem no município provêm do Rio Jaú e 47% do Rio Unini, em números recolhidos entre os anos de 1992 a 2001 (NAKAZONO, 2007).

O processo de implantação das Unidades de Conservação (UC) ⁵ não refletiu apenas no deslocamento das famílias, mas também no uso dos recursos utilizados nessas áreas pelos moradores. A Fundação Vitória Amazônica (2005) enfatiza que:

A falta de consulta pública, principalmente naquelas unidades federais de proteção integral (Estação Ecológica de Anavilhanas e Parque Nacional do Jaú), causou um grande conflito com o poder público dos municípios de Novo Airão e Barcelos, que tiveram boa parte da área municipal transformada em unidades de conservação. A população local teve seus hábitos tradicionais alterados por uma nova política

⁴ O PNJ foi criado pelo decreto nº 85.200, de 24 de setembro de 1980. É um dos maiores parques do Brasil, com uma área de 2.272.000 hectares, nos municípios de Novo Airão e Barcelos, a cerca de 200 km de Manaus. O PNJ foi declarado Sítio Natural de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 2002, admitindo sua importância no que diz respeito à conservação da biodiversidade. (CALDENHOF, 2009).

⁵ Os critérios para criação de UC basearam-se nas regiões fitogeográficas da Amazônia, partindo de critérios levantados, por exemplo, pelo projeto Radam de pesquisas sobre geologia, geomorfologia, hidrologia, solos e vegetação. As UC de proteção integral não permitem a presença de populações humanas residentes nos espaços delimitados pelas unidades (NAKAZONO, 2007).

preservacionista autoritária, dificultando seu acesso aos recursos naturais e empurrando o ribeirão para clandestinidade (FVA, 2005, p. 05).

Buscando por novas ações e práticas a serem exercidas na cidade de Novo Airão, o manauara Miguel Rocha da Silva⁶, que segundo relatos⁷, um sujeito com bons conhecimentos da região, via nos resíduos descartados pela indústria naval local uma solução econômica agregando formação profissional e fonte de renda a população local.

Para Salorte (2010, p.15) “a Amazônia, como espaço de produção de trabalho, teve seu desenvolvimento ligado às matérias-primas oriundas de sua floresta equatorial”. A mesma destaca a presença de madeiras preciosas para a construção naval encontradas na região.

Em torno da ideia de criar um núcleo produtor de artesanato em madeira, no ano de 1992, Miguel se junta com Jean-Daniel Vallotton, suíço, nascido em uma cidade que era “quase uma floresta”, gostando muito de madeira, se dedica a trabalhar com ela, traçando por meio dela sua linha profissional (arte, design e construção em madeira), exercendo trabalho voluntário em projetos sociais pela África. Trabalhava em empresas internacionais sempre com madeira, até criar sua própria empresa, restaurando moveis antigos. Pelo rádio toma conhecimento de uma expedição a ser realizada para Guiana francesa, em seis semanas na mata e um mês com os índios da região, realizando trabalho de repórter.

A mesma equipe vem a Amazônia brasileira para registrar o festival de Parintins, emprestando a fala de Jean Daniel, transcrevo abaixo um relato que estabeleça uma história pessoal com o nascimento da FAM:

“... a gente chegou em Manaus e tinha que alugar um barco e o dono do barco era uma pessoa que tinha a ideia de fazer esse projeto aqui em Novo Airão, um projeto social, geração de renda recuperando a madeira não usada dos estaleiros navais de Novo Airão que na época tinha muito aqui, trabalhavam muito a construção naval, o reflexo desse senhor, essa construção deixava muita resta de madeira, de boa qualidade, que é itauba, as pessoas estavam queimando, isso aqui na beira, por que não usar essa aqui e ensinar os jovens da região a fazer pequenos móveis para geração de renda, para ajudar a família, aqui tudo é proibido, porque tinha os parques nacionais, coisa assim, a vida dos caboclos era totalmente diferente, tudo proibido. Eu conversando comigo: é minha profissão, queria fazer um trabalho social, então a filha dele vinha porque ela falava francês e eu não falava uma palavra em português, então... pow! Começou assim” (Jean Daniel, entrevista cedida na Fundação, Set.2016).

⁶ Exponho os nomes dos fundadores, diante sua representatividade. A imagem dos mesmos permeia o ambiente da Fundação.

⁷ Presidente honorário da FAM. Nas pesquisas de campo, não foi possível encontra-lo pela FAM.

No ano de 1994 com o apoio logístico de Miguel, Jean Daniel em Manaus procura a Fundação Vitória Amazônica (FVA), ONG que estava iniciando um projeto de artesanato com fibras vegetais na cidade de Novo Airão. A diretoria da FVA deu um prazo de três meses para o Jean-Daniel apresentar um projeto viável de construção e funcionamento de um centro de treinamento ao trabalho profissional da madeira.

Diante da inviabilidade financeira para início e posterior manutenção da FAM, contando apenas com apoio logístico por parte da FVA, Jean Daniel cria com um grupo de amigos na Suíça, a Ailleurs-Aussi⁸, para captação de recursos a serem aplicados na FAM. O mesmo conseguiu a dois containers de material de marcenaria e de construção, doações de várias empresas na Suíça para iniciar o projeto Almerinda Malaquias em Novo Airão. A criação da Fundação Almerinda Malaquias ocorre no início do ano 2000, se liberando assim da parceria com a FVA.

No ano de 1997, a FAM é instituída em um espaço de 9.000m² (figura 06), terreno este doado pela prefeitura, localizado na entrada da cidade. Batizada com os nomes dos pais de Miguel, dona Almerinda e seu Malaquias. Sua constituição legal se dá no ano de 2000, oferecendo cursos profissionalizantes desenvolvidos a partir da reutilização de sobras da indústria naval com técnicas de marcenaria. Um trabalho artesanal, que rapidamente obteve sucesso. Segundo Jean Daniel (2016) “a gente começou com três pessoas interessado, depois de um ano, 12 pessoas no artesanato aqui”.

Figura 06 - Construção da Fundação Almerinda Malaquias.

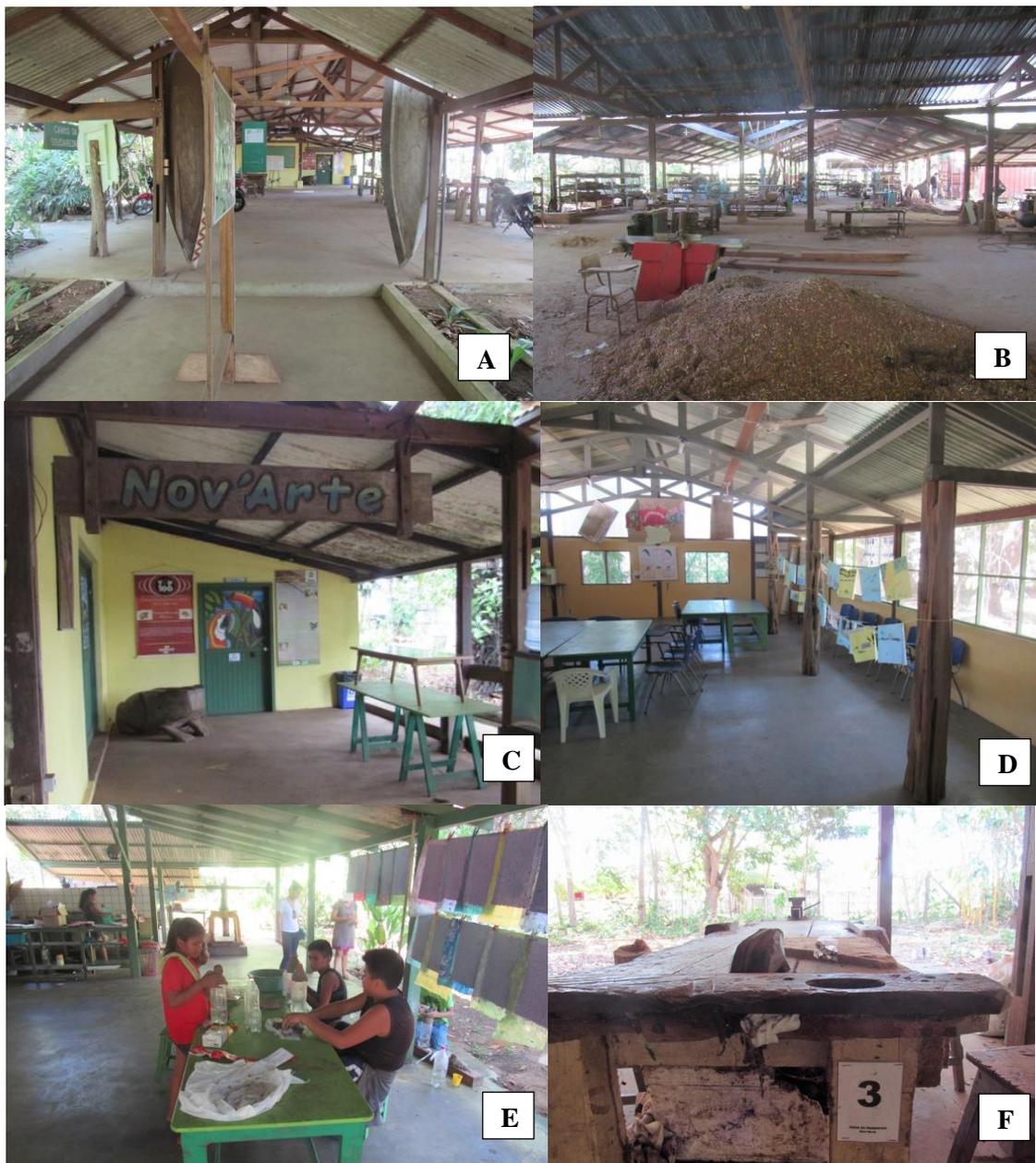


Fonte: Site da Fundação Almerinda Malaquias, 2016.

⁸ Uma Associação sem fins lucrativos, sediada em **Villeneuve (Suíça)**, possui 200 membros pagantes. 98% dos fundos angariados vão diretamente para o desenvolvimento de projetos, os 2% são utilizados para a gestão diária da associação. Sua comissão é inteiramente voluntária (HOME PAGE, 2016).

Atualmente o galpão da FAM (Figura 07) dispõem de salas de reuniões, salas de aulas, marcenaria, loja, banheiros, cozinha, oficina de reciclagem de papel, mesa de trabalho dos artesãos além de outros espaços.

Figura 07 - Espaços da Fundação Almerinda Malaquias nos dias atuais: Para chegar à loja o visitante passa pela produção (A); Oficina (B); Entrada da loja da Nov'Arte (C) Sala de Aula (D); Oficina reciclagem de papel (E) e Mesa de trabalho (F).



Fonte: Kátiuscia Auzier, 2016.

Há época, final da década de 1990, a pequena cidade caminhava a passos lentos em busca de desenvolvimento local, Jean Daniel relata, “a gente escondido na mata não dava”, esse discurso representa a inquietação com a falta de demanda para o produto fabricado.

Alugando um espaço em Manaus, inauguram no ano de 2001 uma loja, criando dentro desse ambiente a casa do caboclo, recriando por meio de pinturas a mata com igarapés, para o momento convidam o AmazonSat⁹, devido a uma reportagem de 40 minutos sobre a região, dos quais 20 minutos abordava somente o artesanato, os produtos da FAM ganham repercussão local, atraindo interessados pelos cursos profissionais, “havia fila para entrar, para fazer artesanato” (Jean Daniel, 2016).

Para Jean Daniel uma “sorte absoluta”, a FAM é tema de reportagem do programa Globo Repórter¹⁰, no dia seguinte a exibição do programa, ele relata a procura dos lojistas de São Paulo e outras capitais pelos produtos da FAM. Jean Daniel narra que na época a fundação continha o expressivo número de 50 pessoas confeccionando artesanato, 70% da produção tinha como destino a cidade de São Paulo, Rio de Janeiro Belo Horizonte e Belém.

O trabalho na fundação se desenvolve com o entalhe¹¹ (Figura 08) em madeira por meio da qual passaram a confeccionar pequenos móveis. Com o passar dos anos a produção incorporou também utilitários e peças decorativas (Figura 09) feitas de forma manual e de maneira simples pelos artesãos da comunidade (AUZIER, 2012).

Figura 08 - Artesão entalhando.



Fonte: José Antunes Neto, 2016.

⁹ AmazonSat é uma rede de televisão brasileira sediada em Manaus (AM). Pertence à Amazônia Cabo LTDA. Tem como gênero, a temática social da Amazônia, na qual é localizada. Cobre 5 estados da Região Norte através de TV Aberta (com filiais e retransmissoras) e 6 estados da Região Norte através de TV Fechada (HOMEPAGE, 2016).

¹⁰ Globo Repórter é um programa jornalístico semanal brasileiro produzido e apresentado pela Rede Globo que vai ao ar nas noites de sextas-feiras, atualmente apresentado por Sérgio Chapelin e Glória Maria (HOMEPAGE, 2016).

¹¹ Abrir corte em (madeira ou objetos em madeira) para criar uma escultura, ou uma matriz de uma xilogravura; esculpir, gravar (FERREIRA, 2010).

Figura 09 – Produtos fabricados pela Nov’Arte.



Fonte: Katuscia Auzier, 2016.

Com a aceitação e a intensa participação da comunidade pelos cursos oferecidos pela Fundação, visando seu fortalecimento como trabalhadores autônomos e a inserção no mercado por meio da comercialização dos produtos confeccionados, os artesãos da Fundação formaram uma associação de produtores Nov’Arte (Figura 10).

Figura 10 - Banner da Nov’Arte em exposição na FAM.



Fonte: Katuscia Auzier, 2016.

A Nov’Arte se oficializa em 2009 com 43 pessoas, sendo cinco delas mulheres. Segundo relatos, “os próprios artesãos foram treinados para fazer parte da diretoria”. “As decisões são do grupo, as conquistas são de todos”. (artesão da Nov’Arte, 2016).

Organizados formalmente os artesãos ganharam força e notoriedade, e no caminho de crescimento alguns reconhecimentos merecem ser citados, a Nov’Arte recebeu nos anos de

2006 e 2008 o prêmio Top 100 do SEBRAE, que identifica e seleciona as 100 unidades mais competitivas do país (AUZIER, 2012).

No início das atividades a madeira mais utilizada era o molongó¹², leve e fácil de trabalhar. As peças eram pintadas e possuíam menos entalhes. A dureza e a densidade da madeira definem qual a peça a ser entalhada, essas características determinam o técnica de acabamento. Quanto mais a madeira trabalhada apresentar um grau de dureza, a mesma há de tolerar um entalhe mais fino, ao passo que as madeiras macias permitem menor precisão.

O sapo cantador (Figura 11) foi um dos primeiros animais a serem confeccionados/ensinados pela Fundação. O sapo surgiu na indonésia, sendo reproduzido em diversos países e cidades do Brasil. Na Amazônia os artesãos da Nov'Arte atingiram uma qualidade singular, ganhando destaque (AUZIER, 2012).

Figura 11- Sapo cantador ganhando forma e finalizado.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2016.

Atualmente a produção tem um número significativo de animais da fauna local. “o tema dos bichos foi escolha dos artesãos, que lançaram no mercado e deu certo” (Artesão da Nov'Arte). O artesanato mais produzido e o mais vendido “o sapo cantador” que, de acordo com os artesãos, é feito em marchetaria de algumas espécies vegetais como a itaúba, o roxinho, a muirapiranga e a jaqueira que oferecem tonalidades diferentes á peça, bem como emitem sons suaves e melódicos.

¹² O molongó é uma árvore de porte médio da família *Apocynaceae*, comum nas áreas de várzea e igapós da Amazônia desenvolve-se rapidamente atingindo a fase adulta em aproximadamente um ano após sua germinação (FONSECA,2010).

Atualmente outros animais como capivaras, pacas, corujas, peixes, arraias, tucano entre outros podem ser encontrados na loja da Nov'Arte (Figura 12), claramente compreendido como fruto da inspiração do meio ambiente em que vivem.

Figura 12 - Animais em madeira da Nov'Arte.



Fonte: José Antunes Neto, 2016.

Quando perguntados se a Associação/ Fundação cria algo novo, ou já retrabalha algo já existente, todos foram unânimes em responder que a produção dos artesãos da Associação retrata a fauna local (Figura 13), como se pode verificar em outro depoimento: “nosso artesanato tem nossa peculiaridade, os animais” (Artesão da Nov'Arte, Set/2016). Analisando este relato observa-se que o artesanato é compreendido como a história de suas vidas, com um olhar claro da relação com a natureza.

Figura 13: Mãos do artesão e seu início de produção (A); Arraias em madeira da Nov'Arte (B).



Fonte: Kátiuscia Auzier, 2016.

Cada artesão é responsável por sua produção, como também sua matéria-prima (Figura 14), percebido assim o não controle da Nov'Arte quanto a origem da madeira utilizada. No entanto, observa-se que os trabalhadores entrevistados, demonstram cuidado com a procedência da madeira que trazem para ser trabalhada no galpão da FAM.

Figura 14 - Madeiras armazenadas na FAM.



Fonte: Kátiuscia Auzier, 2016.

As falas dos artesãos enfatizam que a “madeira morta” utilizada é encontrada em florestas locais. O acesso é por meio de ramais¹³ ou em terrenos na qual seriam queimadas ou sobras da indústria moveleira. Não houve relatos da utilização de madeira oriunda da indústria naval, segundo Salorte (2010) aos carpinteiros navais de Novo Airão foi negado o

¹³ Caminhos feitos na floresta.

uso da matéria-prima (madeira) em seu ofício, apenas se essa for certificada. Essa mudança transformou o quadro atual da construção naval do município.

Ocorre em alguns casos, a compra da madeira, uma negociação com os donos de movelarias. Muitos pedaços de madeira extraída para a produção moveleira são descartados no próprio local resistindo ao tempo e ali permanecem durante anos.

A itaúba, por exemplo, é uma madeira que resiste a até 50 anos caída no solo da floresta. Além de ser uma madeira que o fogo não consegue queimar por inteiro, de modo que sempre restam pedaços pelo chão (FERREIRA, 2010). Observa-se na figura 15, amostra das madeiras utilizadas pela Nov'Arte.

Figura 15 - Caixa com amostras das madeiras.



Fonte: Kátiuscia Auzier, 2016.

Atualmente a Nov'Arte passa por uma reestruturação, após conflitos na gestão seguida de abandono de associados, ela se apoia no trabalho de 16 artesãos, sendo conduzidos por uma artesã e esposa de artesão, a mesma é responsável pelas vendas na loja, espaço localizado na FAM (Figura 16), busca reaver parcerias desfeitas, reconquistar mercados que desistiram da Nov'Arte por não entrega de encomendas.

Figura 16 - Espaço interno da loja da Nov'Arte.



Fonte: José Antunes Neto, 2016.

A FAM, nesse momento obtém um importante papel, frente à dificuldade de gestão financeira da Nov'Arte, toma a decisão de comprar a produção dos artesãos, revendendo-a para demanda turística local. No segundo capítulo, retomo a esse momento da Nov'Arte tecendo uma discussão a respeito do trabalho artesanal, suas dificuldades e a economia. “A fundação agora compra nosso artesanato, a gente não precisa mais esperar a peça ser vendida na loja” (Artesão da Nov'Arte, Out.2016).

A produção do grupo (Figura 17) é definida por eles, cada artesão tem facilidade e preferência por entalhes e/ou marchetaria diferentes. Um prefere entalhe de chaveiro, outro prefere a marchetaria de fruteiras, outro de caixas, ou centros de mesas, ou boto, ou sapo cantador e assim por diante. No fim, a divisão deve atender a demanda solicitada.

Figura 17: Distribuição do trabalho.



Fonte: Katuscia Auzier, 2016.

Isso permite ao artesão administrar seus horários e permanência pelo espaço da FAM (Figura 18), notado que no início da semana (segunda a quarta-feira) eram os dias em que encontrava um expressivo número de artesãos, muitos deles escolheram Nova Airão para viver, sendo originários de São Gabriel da Cachoeira e Barcelos.

Figura 18- Artesãos trabalhando.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2016.

Muitos trabalhavam na produção de móveis, perceberam no ofício com marchetaria e entalhe lucratividade e redução da carga de horário de trabalho. Houve os que fizeram os cursos da FAM, se mantiveram distante por anos e agora retornam. As mulheres são minoria na produção, as poucas possuem forte representatividade, como no caso de um artesão entrevistado, este relata que sua esposa foi a responsável por sua inserção na FAM, “Vim parar aqui por causa da minha esposa, ela fez um curso aqui, aí eu vim também” (Artesão da Nov’Arte, 2016). Atualmente a esposa do artesão citado (Figura 19), continua seu trabalho com madeira, e também é uma das responsáveis pelo trabalho com papel reciclado da FAM.

Figura 19: Artesã furando caroço de tucumã (A); Mesma artesã explicando os processos da reciclagem (B).



Fonte: José Antunes Neto, 2016.

A reciclagem de papel é outro projeto da FAM, conservando a linha de criar atividades de geração de renda sem agredir o ambiente. Conduzido apenas por mulheres, sua maioria esposas dos artesãos que trabalham a madeira, as mulheres realizaram os primeiros testes em 2005 e, hoje, o programa está se desenvolvendo com a integração de produtos como o sabonete natural. Aprimorando a técnica e a arte, é notável o ganho em qualidade dos produtos à venda, e o entusiasmo das artesãs pelo trabalho alcançado.

1.2 Associação dos Artesãos de Novo Airão: Da floresta alagada aos trançados de tradição indígena

A associação dos Artesãos de Novo Airão (AANA) surgiu em torno do núcleo da família da Sra. Percília, ensinava e auxiliava na capacitação das artesãs, desde o início do trabalho em grupo. Ela trouxe o saber dos trançados em fibra de arumã do Alto Rio Negro, da cidade de São Gabriel da Cachoeira. A composição da AANA tem origem de localidades e municípios ao longo do Rio Negro, como Novo Airão, Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira e comunidades dos Rios Unini e Jauperi (AUZIER, 2012; NAKAZONO, 2007).

Fundada no ano de 1996 com apoio da FVA a associação é instituída, buscando potencializar a comercialização de seus produtos. Anteriormente a venda do artesanato era feita de maneira individual sem nenhuma estrutura organizacional coletiva.

Em 1994, o projeto Fibrarte, desenvolvido pela FVA e financiado pelo Fundo Brasileiro para a biodiversidade (Funbio) e Fundação Ford, inicia suas atividades na cidade de Novo Airão, teve como objetivo central, desenvolver alternativas de geração de renda para as

populações da bacia do Rio Negro, por meio da atividade tradicional de produção de artesanato em fibras vegetais. O projeto Fibrarte realizou na AANA cadastramento dos artesãos, atividades de incentivo à produção, identificação de canais potenciais de comercialização e organização para o associativismo, anos após nasce a AANA (NAKAZONO, 2007).

Não diferente da Fundação Almerinda e da Nov'arte, a AANA foi criada para proporcionar geração de renda e preservação das técnicas tradicionais, visando ainda à inserção em mercados de artesanato de alta qualidade ressaltando suas tradições específicas.

A associação é estabelecida por meio de Assembleia Geral, constituída por uma diretoria, o corpo de sócios e um conselho fiscal. A diretoria é composta por presidente e vice-presidente, secretário e segundo secretário, tesoureiro e segundo tesoureiro. O Conselho Fiscal é formado por três membros titulares e três suplentes. As assembleias ocorrem a cada segundo domingo do mês (Figura 20). Conforme salienta Comerford (1999, p.47) as “reuniões podem ser vistas também como um elemento importante na construção desse universo social, na medida em que criam um espaço de sociabilidade que contribui para a consolidação de redes de relações que atravessam a estrutura formal das organizações”.

Figura 20- Assembleia da AANA, na própria sede.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2016.

A predominância de mulheres na atividade do artesanato é acentuada, a maioria de seus associados são mulheres, a incorporação dos maridos e filhos das artesãs se dá por meio da atividade da coleta de arumã. A participação do homem assume-se o papel da família no processo produtivo. Porém, enfatizo a dubiedade no âmbito da AANA, observa-se um ambiente de dominância feminino, em que se elegem homens para presidência. Um cenário

que nos convidar a refletir acerca do significado das habilidades artesanais como atributo e parte da natureza feminina nesta repartição sexual das aptidões.

Uma divisão sexual do trabalho que pode ser definida como a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre sexos. “Esta forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio da separação (há trabalho de homens e trabalho de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher)”. (HIRATA E KERGOAT, 2007, p. 05).

Neste aspecto as mulheres artesãs da AANA, agregam o princípio da separação. Seu artesanato um ofício fortemente marcado pela presença feminina; no espaço de trabalho, onde lhes cabe o teçume das peças. No entanto, reitero que o cotidiano da AANA também revela a presença de artesãos, das visitas realizadas em que estive com o presidente os mesmo concedia entrevista fabricando peças artesanais (Figura 21). O trabalho desses artesãos apresenta grandes transformações no que tange às relações sociais e de poder.

Figura 21 – Entrevista com o Presidente da AANA.



Fonte: José Antunes Neto, 2016.

No ano de 2000 ocorreu a inauguração do espaço físico da sede (Figura 22), um ambiente com duas salas para reunião, escritório, dois banheiros, loja para comercialização, depósito, uma cozinha, além de ampla área externa onde estão plantadas árvores frutíferas e espécies utilizadas para as tinturas. O nome da sede foi dado pelas artesãs, em homenagem ao técnico da FVA, José Max Dias Figueira. Um galpão que retrata o universo característico da arte trabalhada, as paredes de madeira, as grandes janelas, o telhado que antes de uma recente reforma era de palha.

Figura 22- A Associação de Artesãos de Novo Airão: Loja da AANA (A); Galpão para produção (B); Áreas externas da AANA (C).



Fonte: José Antunes Neto, 2016.

Nas pesquisas de campo realizadas no ano de 2011 a 2012, constatei a época que muitos artesãos teciam no galpão, demonstrando que espaço era, também, uma extensão de suas casas. Mas essa situação não perdura mais, observei nas recentes visitas que poucas artesãs utilizam o espaço da Associação para o trançado (Figura 23). Conflitos internos e problemas com a matéria-prima começam a aparecer, afastando algumas artesãs que teciam na sede.

Figura 23 – Artesãs tecendo.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2017.

A principal fibra utilizada pelas artesãs da AANA é obtida da tala de arumã – *ischnosiphon polyphyllus* (Figura 24). O arumã se destaca dentre as fibras vegetais por sua qualidade e resistência e a variabilidade de seus usos, empregado por diversos grupos.

Figura 24 – Arumã (A); Fibras de arumã (B).



Fonte: Katiúscia Auzier, 2017.

Entre os povos indígenas do Rio Negro existem especialidades artesanais e técnicas próprias a cada etnia. Os desenhos e padrões dos trançados (Figura 25), assim como, alguns tipos de cesto também foram, em tempos passados, especialidades de certas etnias. Deixaram de sê-lo devido à valorização comercial de cestos com fatura de desenhos. Atualmente, todas as etnias rio-negrinas fazem cestos e copiam os desenhos umas das outras (NAKAZONA, 2007).

Figura 25 - Trançado com fibras de arumã da AANA.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2016.

Nos artesanatos fabricados na AANA, estão, portanto, reproduzidos e resinificados os conhecimentos dos povos indígenas do Rio Negro, da etnia Baré especificamente, apresentando uma diversidade de traçados e elementos iconográficos. Entre os artesanatos produzidos pela AANA estão os tupés, luminárias, jogo americano, cestos, colares e chapéus (Figura 26).

Figura 26 - Produtos em exposição na loja da AANA.



Fonte: Katuscia Auzier, 2016.

As famílias das artesãs da AANA costumavam coletar arumã nas ilhas do Parque Nacional de Anavilhanas, localizada em frente à cidade. Nessas ilhas não é permitido o acesso ao uso de recursos naturais na localidade, “a associação de fibra no início do surgimento dela coletava matéria prima na Anavilhanas, há muito tempo atrás. Era produção, era viagem que acontecia toda semana, entendeu?” (Ex-presidente e artesão da AANA, 2016).

Logo, os moradores dessa área não poderiam permanecer nos espaços delimitados como Estação Ecológica¹⁴; uma das categorias de Unidades de Conservação mais restritivas. Diegues (2001, p. 149) apresenta citando o manual da União Internacional para Conservação, (UICN) que as áreas naturais protegidas são consideradas importantes para defesa dos recursos vivos de uma nação, afirmando “que amostras representativas de importantes regiões naturais sejam mantidas em perpetuidade, que a diversidade física e biológica seja mantida e que o material genético selvagem seja conservado”.

Frente às definições citadas anteriormente, trago o relato de um morador da cidade e suas impressões acerca da implantação das UC.

¹⁴ Lei nº 11.799, de 29 de outubro de 2008: Transforma a Estação Ecológica de Anavilhanas, criada pelo Decreto nº 86.061, de 2 de Junho de 1981, em Parque Nacional de Anavilhanas.

Pelo lado de proteção ambiental foi excelente foi ótimo, hoje se existe isso foi por que eles trabalharam muito em cima da proteção ambiental, mas pelo lado da geração de renda, foi péssimo para o município, porque acabou com a construção naval, acabou com a produção do artesanato, entendeu? Acabou limitando muito, entendeu? Todas essas áreas de trabalho, né? Que ajudavam muito o município, a construção naval na época, Novo Airão era um dos maiores polos de construção naval, entendeu? Do Amazonas. O povo aqui chegou até a construir o barco, acho, que do Roberto Carlos. Para você ter assim mais ou menos uma ideia de quantidade de barcos que saíram e de pessoas, digamos de dinheiro que vinham para o município, então com a passagem da proteção ambiental acabou limitando tudo isso... (Secretario municipal de Cultura e Eventos e ex-artesão da AANA, set. 2016).

Analisando este relato, observa-se a realidade do local, as desarmonias naquele cenário são perceptíveis, é entendida a exclusão das representações que a população local construiu com aquela natureza, tal como suas ações naquele meio. Ainda citando Diegues (2001).

A disjunção forçada entre a natureza e a cultura tradicional, em que os homens são proibidos pelo Estado de exercer suas atividades do fazer patrimonial, e também do saber, representa a imposição de um mito moderno: o da natureza intocada e intocável, próprio da sociedade urbano-industrial sobre mitos das sociedades tradicionais (2001, p.62).

Essa realidade despertou conflitos entre IBAMA e coletores familiares da AANA. Nas buscas para estabelecerem acordos e formas de extração do arumã, no ano de 2000 a AANA juntamente com o apoio da FVA formou um grupo de coletores para elaborar a implementação de um sistema de manejo do arumã em áreas de igarapés próximas a Comunidade do Sobrado, distante 19 km de Novo Airão, em Área de proteção Ambiental (APA) da margem direita do Rio Negro, fora da área de abrangência do Parque de Anavilhanas. Em 2003, a AANA consegue a autorização do Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM) e do IBAMA¹⁵ para realizar o manejo da espécie de arumã, *Ischnosiphon polyphyllus*, nos igarapés da Comunidade do Sobrado (NAKAZONO, 2007; PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA, 2006).

A AANA inicia o manejo de arumã, o uso continuado dos recursos com autorização legal de acesso aos locais de extração, conciliando seu artesanato a conservação (Figura 27) a partir de uma demanda de produção e comercialização dos seus produtos.

¹⁵ Diário Oficial 2 de setembro, Licença de Operação Nº 226/03 do IPAAM / Of. Nº 1013/2002–DIEF/IBAMA/AM.

Figura 27 – Entrada da loja da AANA.



Fonte: Katuscia Auzier, 2016.

Detalho agora, especificidades sociais e culturais por meio de uma discussão acerca das relações que se estabelecem naquela localidade em particular, por considerar que o mercado artesanal brasileiro não pode ser avaliado, como homogêneo.

1.3 A partir das identidades culturais que se estabelecem as relações.

Aos homens da Fundação Almerinda Malaquias cabe à caça por refugio de madeira, demonstram paciência e planejamento enquanto aguardam sua secagem e delicadamente, sim delicadamente entalham a madeira transformando-a em fruteira, sapo, caixa entre outras peças. As mulheres, o trabalho com reciclagem de papel, algumas se dedicam ao ofício com madeira, em determinadas etapas do trabalho, relatam que algumas artesãs não possuem força física ou confiança para manusear determinados maquinários. Ao grupo da AANA o cenário é outro, o expressivo número de mulheres (Figura 28) participando intensamente da gestão e confecção dos produtos, não sendo uma maioria, pelo pequeno número de coletores da matéria-prima, a fibra de arumã, atividade realizada pelos homens, maridos ou filhos das artesãs.

Figura 28 – As mulheres na comemoração dos 20 anos da AANA.



Fonte: Katuscia Auzier, 2016.

A relação de gênero reproduz as relações sociais, uma interação homem-mulher, a reunião de gêneros fortemente presente nos dois ambientes, observa-se o papel da família no processo produtivo, a filosofia da FAM em oferecer atividades que atinjam pai, mãe e filho. Trazer a família para o galpão, tornar aquele espaço atrativo. Na AANA, a sede é percebida como extensão de suas casas, seus espaços são habituais as famílias dos artesãos entrevistados. Para Henri-Paul et al (2013, p. 483):

Cada membro da família tem um papel social, que envolve o cumprimento de determinadas funções. Mas o seu papel social não se limita a este aspecto funcional: refere-se também a uma determinada imagem de pai, de mãe ou de filho, que corresponde a uma expectativa de comportamento. Os modelos respeitantes a estas personagens variam com as formas da cultura.

Não anseio, mencionar detalhadamente às observações ou mesmo descrições que foram feitas dos vários e diferentes sujeitos entrevistados desta organização social, cabe ao estudo, às relações que se estabelecem entre esses sujeitos, seu trabalho e seu papel social. Aspiro somente traçar um quadro rápido e salientar certos aspectos das suas dinâmicas.

O fato de viverem em uma cidade cercada por UC demonstra uma rede de relações sociais, culturais e laborais que expressa vínculos na construção social das identidades, muito embora tais identidades possam estar relacionadas às necessidades expressas em determinados momentos históricos.

Não há identidades fixas, são processos de construção de significados, sempre incompletos, constitui uma busca constante, como coloca Bauman (2005), uma experiência sem fim. A identidade é móvel, forma-se e transforma-se de acordo com as condições geográficas, físicas, históricas, como a memória coletiva.

O conjunto que abrange a vida em Novo Airão implica a existência de diversas identidades, sejam elas culturais, territoriais, sociais, dentre outras adquiridas e até perdidas no processo de construção social. A identidade é algo fundamental, porém flexível, um processo complexo de incorporação e de inovação. Os novos contextos apresentados e os modos de vida ocasionados por eles, tem tido um papel importante nas diferentes identidades que aqueles sujeitos possuem, podendo variar conforme as circunstâncias. Para Hall (2006, p.13):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

A FAM, entendida como uma organização cultural, se adequa as transformações, reafirmando e modificando suas linhas de identidade. É percebido à procura para o entendimento das mudanças ocorridas naquele cenário, às diferenças culturais que se colocam reagindo à busca de melhoria. Hall (2006, p.13) acrescenta “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.

O sentimento de identidade é constituído de um elemento essencial, a memória, estando elas indissolavelmente ligadas, a memória é um fator importante no sentimento de continuidade do indivíduo ou de um grupo, na reconstrução de seus movimentos, um processo coletivo, na qual o grupo tem importante papel, a arte de lembrar e de conservar a memória. (MEDEIROS, 2013; POLLAK, 1992).

Explicitando melhor, Pietrafesa de Godoi (1999, p.15) lembra que a memória passa a atuar “como produtora de identidade e portadora de imaginário, erigindo regras de pertencimento e exclusão que delimitam as fronteiras sociais do grupo”. Promovendo conexões entre as memórias individuais e coletivas, uma identidade que se designa por meio da relação que o indivíduo estabelece com o outro. A memória é um ato criativo, é trabalho. O sujeito seleciona do passado o que lhe interessa e só lembra porque está inserido em uma estrutura social. O indivíduo não pensa de maneira intencional, mas em razão de condições que encontra, pelos outros e para os outros, pois é por meio do coletivo que se busca o universal (HALBWACHS, 2006).

Uma memória que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num determinado contexto, aqui, especificamente no contexto da produção de artesanato de Novo Airão.

[...] se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. (HALBWACHS, 2006,p.29)

A memória como tradição, no sentido primeiro da expressão, como a presença do passado, como um elemento constituinte da identidade. Na AANA, a memória precisa ser constantemente alimentada, transmitida, para que se mantenha, para que não se perca nas discontinuidades da contemporaneidade. Para eles, fazer uma simples referência ao passado pode ser um ato que mantém preservada a memória.

A identidade exprime uma representação de si mesmo, de sua história, de sua singularidade e se transforma num fator de orientação na construção das próprias práticas sociais. Uma dinâmica cultural carregada por valores que são compartilhados coletivamente, todas as lembranças são constituídas no interior de um determinado grupo, logo toda a memória individual existe a partir de uma memória coletiva. Cada ideia e reflexão existente em cada indivíduo é, na realidade, inspirada no grupo. Sentir-se pertencente, membro de uma determinada cultura é identificar-se com ela (NORA, 1992; HALL, 2006).

Uma espécie de pertença social que se realiza em um mundo social específico. É de suma importância o reconhecimento da existência dos elementos que caracterizam a identidade cultural, no seu sentido de pertencimento e comunidade. As possibilidades de realizações dos grupos, que tem no passado significados e tradições, mas que também se nutre de contribuições externas. Como lembra Santos (1994, p.19) “é importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade. Mesmo porque essa diversidade não é só feita de ideias; ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social, é um elemento que faz parte das relações sociais”.

Além das manifestações em conjunto, as criações identificadas por critérios de valorização internos do grupo, a produção individual, o trabalho artesanal analisado nas instituições pesquisadas, esta impregnado de um sentimento de posse, que agrega um valor impalpável à produção do entalhe e trançado (Figura 29), suas alternativas de geração de renda, originando produtos desenvolvidos a partir da vivência dos moradores locais. Isto

resulta num valor econômico que caminha a passos lentos para uma estruturação que valorize a narrativa que envolve o material a ser negociado.

Figura 29 – O entalhe e o trançado.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2012.

Os sujeitos da pesquisa manifestam por meio das representações sociais¹⁶ a realidade que vivem, enquanto o território revela um domínio que delimita um espaço ou mesmo estabelece fronteiras, as delimitações de se viver numa região com 85% se sua área protegida por meio das UC.

O conhecimento socialmente da FAM e culturalmente da AANA compartilhado em concordância com as práticas sociais, constrói e interpreta a realidade social, conferindo-lhe significado - as representações sociais não generalizam, mas evidenciam a realidade. Naquele espaço veiculam e se concretizam as relações sociais. Lugar entendido com um espaço vivido, a memória dos indivíduos em relação ao seu espaço, significações atribuídos ao espaço (SANTANA, 2010; TUAN, 1983).

Na construção social, os artesãos de Novo Airão criaram padrões de comportamento e elementos simbólicos que estabeleceram a sua própria dinâmica social, valores culturais específicos. Geertz (1989, p.10) afirma que “a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais... ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos com densidade.” Baseia-se não somente teorias, mas o que fazem seus praticantes, neste sentido o autor expõe um olhar antropológico ao entender a cultura

¹⁶ Compreendendo a representação social como uma ferramenta que fornece ao indivíduo parâmetros para o comportamento e orientação para as relações sociais. Refere-se, assim, um indivíduo que participa da sociedade, interpretando as suas variações, os seus saberes (CARVALHO, 2005).

como uma ciência interpretativa, em que “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (Idem, p.10).

São características da cultura, a maneira como os indivíduos agem, pensam e comportam-se perante as inúmeras diversidades apresentadas pelo que lhe é incomum, visto aos olhos de seus costumes e tradições. A cultura não é estática, não é fechada e muito menos um conjunto de instruções na qual o homem deve seguir, “é a maneira de descrever o comportamento humano” (BARTH, 2000, p.25).

A diversidade das culturas não se dá de forma inerte, porque as sociedades não estão sozinhas, mesmo as que se creem mais isoladas, ao caso de Novo Airão que distante da capital do Estado e abraçada por UC, desenvolvem relações com grupos e contatos estreitos entre si, que, inevitavelmente, interferem no comportamento social e na formação cultural daqueles sujeitos, pois as diferenças entre FAM e AANA, tanto nasceram do isolamento quanto da proximidade.

A humanidade é rica de possibilidades inesperadas, e o progresso não é feito à imagem da “similaridade melhorada”, mas de obstáculos. A humanidade está seguindo em dois movimentos contínuos, um tendente a instaurar a unificação, o outro a manter ou estabelecer as diferenças. A diversidade de culturas ultrapassa as fronteiras do tempo e do espaço, estando aqui, ali, em todo lugar e sempre, construindo-se, evoluindo constantemente em ritmos distintos (LEVI STRAUSS, 1993).

Para Faria (2010), o local clama sua existência, garantindo que é lá que a cultura se forma. Em sua dinâmica, ressignifica, fomenta experiências e imaginários. Em torno do local circulam narrativas, conhecimentos significativos, enfim, as “aldeias” passam a simbolizar alguma coisa a mais do que a nostalgia dos tempos idos, ou de um localismo essencialista, coisa que andou esquecida ou perdida entre os ventos globais. O que nos remete ao geográfico Milton Santos (2008) ao afirmar que o local é a essência e o global a aparência.

A localidade é um espaço privilegiado da ação e da experimentação, o local é um pouco aquilo que fazem dele. É construído historicamente pelas experiências individuais e sociais dos seus habitantes, nesse estudo especificamente, pelo prisma da criatividade, da cultura e das reelaborações de heranças culturais. O olhar também o constrói, tendo assim experiências humanas de sociabilidade, de revelação da diversidade, de diálogos interculturais, de construção cidadã, de exercício da autonomia, de outras relações com a natureza e com o outro, território de fabulações e imaginação (FARIA, 2010).

Podemos considerar o local como lugar privilegiado de protagonismo sociocultural, ou seja, do exercício da autonomia das pessoas e grupos na construção de redes vitais, empoderamento da produção de sentidos.

Para entender o significado das redes de relações e trabalho construídas naquela cidade, é necessário avaliar que a rede não é apenas a soma de cordas, é uma maneira de entrelaçar as cordas de tal modo que, juntas, conseguem adquirir potencialidades que ultrapassam as capacidades individuais de cada uma delas. O trabalho em rede, além de ser uma forma privilegiada para somar forças, é também uma maneira de trabalhar de forma articulada que permite desdobrar as habilidades desses sujeitos, garantindo uma maior eficácia no trabalho e maior eficiência nos resultados (LUSSI et al, 2007).

Ao trabalho em rede e o conjunto diversificado de ações de articulação entre diferentes sujeitos sociais. A FAM exerce dois tipos de articulações, o apoio e a parceria. O apoio acontece por meio do simples fornecimento de um determinado serviço ou recurso, tem no SEBRAE, Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) e FVA seus principais apoiadores, sua ajuda acontece por meio de cursos, palestras e participação em eventos. A parceria, na qual se tem um vínculo profundo, é com a fundação Ailleurs-Aussi, organização mantenedora do funcionamento da Fundação.

Durante o ano de 2014, surge à parceria com a Expedição katterre¹⁷, por meio de seu proprietário, o empresário Ruy Carlos Tone, efetivada a parceria, o mesmo em acordo com o conselho¹⁸ da FAM, assume a presidência do Conselho e da FAM em lugar de Miguel Rocha da Silva (Fundador e Presidente), a Katterre torna-se a principal mantenedora dos custos de funcionamento da FAM.

Na AANA observa-se que a participação da família, impacta diretamente na cultura da organização familiar daquela instituição, sendo que a compreensão dos elementos de influência da família sobre essa associação especificamente, tende a ser mais importante do que a influência de quaisquer outros elementos.

A AANA nasceu em torno de um núcleo familiar, prevalecendo à importância das relações de parentesco reconhecida nessa instituição como familiar, dado que sua compreensão permite um melhor entendimento das bases que constituem o universo dessas organizações. Em que se vinculam códigos, valores, atributos e atitudes que podem ser caracterizados como distintivos quando em comparação com aquelas tidas como não

¹⁷ Agência de Viagens que atua em Novo Airão desde 2004, com atividades e empreendimentos turísticos.

¹⁸ As respostas dadas diante entrevistas, quanto ao conselho da Fundação Almerinda, não esclarece sua composição.

familiares. A FVA, força principal na constituição da AANA permanece como principal parceira.

1.4 Contexto local: dimensão econômica e empreendedorismo local

Observa-se que, o método praticado para alcançar a eficiência do trabalho realizado com o artesanato foi o estímulo ao empreendedorismo e ao associativismo, pois as comunidades deixaram de compreender a atividade somente como uma forma de sobrevivência, percebendo-a como uma oportunidade de inclusão social, reencontro cultural e qualidade de vida.

A estruturação da comunidade proporcionou uma alternativa econômica, uma fonte de renda, qualidade de vida e participação no desenvolvimento local como organização, como reitera Brambatti (2006, p.04) “a “união faz a força” parece ser um elemento de potencialização de empreendimentos que não possuem capacidade de atuarem *per si* no mercado, de disputarem fatias de mercado de forma isolada”.

A formação de associações de artesãos é uma importante estratégia para organizar os trabalhadores informais do artesanato. Sendo uma importante estratégia na melhora das condições de vida e de trabalho dos artesãos. Deve-se destacar que o artesanato é um forte elemento no desenvolvimento local, gerando fonte de renda e empregos (PEREIRA, 1979).

Para o Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2008) o artesanato deve ser visto como uma atividade geradora de renda, como qualquer outra, como um negócio que agrega inclusão social, um instrumento de desenvolvimento e fortalecimento da identidade cultural (Figura 30), podendo viabilizar a multiplicação da renda e ocupação em um setor de pequenos empreendedores, logo, a organização comunitária faz-se importante para estruturação das atividades geradoras de renda, uma comunidade organizada é terreno fértil para concepção e aparecimento de projetos e ações empreendedoras.

Figura 30 – O artesanato (Artesão + Produto).



Fonte: Katuscia Auzier, 2016/2012.

Uma comunidade que possua uma cultura empreendedora é extremamente fortalecida, pois consegue visualizar e aproveitar novas oportunidades, fundamental ao desenvolvimento econômico. Cria-se um ambiente inovador, com a possibilidade de trabalhar baseando-se em estratégias e planejamento, que são os alicerces da cultura empreendedora, diminuindo as incertezas nas oportunidades de negócios e gerando uma forte vantagem competitiva para as comunidades que a possuem. (SCHMIDT, 2008)

Dos itens como organização e planejamento, falta às associações comprometimento para uma melhor estruturação das atividades exercidas pelos grupos que utilizam suas potencialidades para dinamizar suas atividades econômicas, além de agregar o talento e as habilidades individuais em prol do coletivo.

Destaca-se a seguir o relato do Fundador e Coordenador da FAM:

A gestão técnica do empreendimento e a gestão financeira são os dois pontos, ainda não conseguimos encontrar solução definitiva, as pessoas que chegam infelizmente o presidente coisa assim, geralmente o presidente tem que fazer tudo, os outros não apoiam, começa denuncia aqui, denuncia rigor financeiro também (Fundador e Coordenador da Fundação Almerinda Malaquias, set.2016).

Esse relato nos direciona para o sentimento de participação que o associado se atribui, quanto mais representado pela diretoria, maior sua participação e seu comprometimento no funcionamento da Associação.

Uma característica particular do associativismo é o trabalho coletivo, que deve ser pautado na confiança para sustentar a união dos que dela fazem parte, e na participação para

garantir os benefícios de suas ações, além de ser uma forma de defender interesses da comunidade, desenvolver, produzir e comercializar trabalhos de forma coletiva.

Nas pesquisas anteriores, realizadas enquanto graduanda, a instabilidade organizacional na Nov'Arte já se manifestava como também a falta de clareza financeira, o entendimento quanto às ações da associação e a funcionalidade de cada artesão não eram percebíveis. Ligado a tudo isso, a falta de matéria-prima. Os reflexos dessa condição, que após quatro anos, aos estudos realizados, tem-se a queda no número de artesãos associados, perda de mercado, ajuste no processo de comercialização dos produtos, que mencionado no capítulo anterior, tem na FAM, seu principal comprador.

Estudos de Albuquerque e Cirino (2001) revelam que embora exista o entendimento que o ciclo normal de desenvolvimento de uma associação alterne as fases de alto e baixo, a organização apenas funciona bem ou mal, sendo necessário a sempre existência de investimentos externos para fazê-los ressurgir novamente no cenário. O que é preocupante visto não se tratar de um problema econômico e sim estrutural.

Outra dificuldade observada na Nov'arte, é que o artesanato tem sido encarado ainda como *hobby* ou arte, muito pouco como negócio. Uma atividade instável, crescente nos períodos de cenário econômico desfavorável e retraindo sempre que a economia ganha dinamismo, passando a absorver os artesãos em outras atividades. Logo, o artesão deve enfrentar seu trabalho da forma mais profissional possível.

Na AANA os problemas referem-se à falta de planejamento do trabalho, as atribuições que os associados fazem em relação ao êxito e ao fracasso da organização, pouco entendimento sobre as funções de uma Associação, participação nas assembleias, à coesão do grupo e não diferente da Nov'Arte falta de matéria-prima para atender as demandas do mercado. O atual presidente e as artesãs que exercem funções na diretoria da AANA reclamam das grandes responsabilidades providas dos cargos, as críticas que recebem dos outros artesãos, motivos que enfraquecem seu interesse em desempenhar funções na gestão.

Nota-se também que o modo como a AANA foi criada repercute no comprometimento organizacional, foi instituída a partir da influência da Fundação Vitória Amazônica, favorecendo a percepção dos artesãos muito mais como uma ajuda do que uma construção coletiva. Segundo Nakazono (2007) a criação da AANA ocorreu como resultado de exigências externas, para atender normas de projetos e seus financiadores. A mesma autora citando Chaves (2003) ressalta que a AANA foi formada, para aquisição de recursos visando melhoria do processo de comercialização não partindo da organização interna das artesãs, não respeitando o tempo adequado de amadurecimento do grupo recém-associado, logo a relação

de dependência entre AANA e FVA, dificulta a capacidade da AANA em assumir suas reais funções.

A reestruturação também é constatada no universo da AANA mesmo envolta a discordâncias com a última gestão, desinteresse de associados e problemas com a gestão financeira. Registra-se que apesar da instabilidade e da alternância dos sócios na AANA, verifica-se, que um pequeno grupo se mantém desde a sua fundação.

A retomada da parceria com a FVA encoraja a atual gestão e estimula a permanências de uma minoria. Apesar das críticas, em relação à gestão e a organização das artesãs, a importância do artesanato para suas vidas e famílias é unânime, “a gente não quer, que a associação feche, porque aqui, a gente ganha nosso dinheiro, a gente sobrevive com o artesanato” (Artesã da AANA, 2016).

Verifica-se duas realidades distintas quanto à organização das associações no contexto do trabalho em grupo, interação social e participação, é entendido a importância de pertencer a um grupo organizado para que não sejam transparentes ao poder público, constituídos formalmente os artesãos ganham força, notoriedade e reconhecimento. A atividade artesanal trouxe inúmeros benefícios aos artesãos, por meio de suas práticas conquistaram mercados que reconhecem o valor cultural nelas embutidos, e, sobretudo, os fez descobrir as vantagens da organização e das parcerias.

Como também observei que durante a assembleia da AANA, a limitada participação dos artesãos, ausência justificada por falta de tempo, divergências com a atual gestão, ou mesmo o não reconhecimento para importância do comparecimento para coletiva tomada de decisões, “a gente queria toda a diretoria presente e ninguém vem. Toda reunião só aparece a T., a A. e nos tudinho” (artesã da AANA durante Assembleia, Out. 2016).

Logo, há clareza quanto os benefícios adquiridos pela associação, faltando entendimento quanto à participação nos processos decisórios. “Eu não sou presidente, vocês que são presidentes. Se tiver que falar, fala na reunião, assim todo mundo escuta” (Presidente da AANA durante Assembleia, Out. 2016).

Constata-se que o artesanato é a principal fonte de renda familiar desses sujeitos e a dificuldade desses grupos locais é manter suas organizações autônomas para interagir de forma efetiva com o mercado.

Por se tratar de um mecanismo exclusivamente coletivo, é fundamental que as pessoas que façam parte de uma associação, tenham convicção do que anseiam individualmente com o processo e quais melhorias que a união do grupo possa provocar para si mesmos ou para a comunidade da qual são membros.

No entanto, como lembra Lima (2010, p. 25) “o associativismo é formado por pessoas diferentes, sujeitas a acertos e erros, com fortalezas e fraquezas. Por isso o desafio é rever nossa cultura, valores e aceitarmos o processo de mudança”. Nesse sentido, assumir uma cultura empreendedora é um desafio para obter o sucesso do associativismo. Segundo Leff (2000, p.119):

A cultura converte-se, assim em parte integral das condições gerais da produção, no sentido de que a preservação das identidades étnicas e dos valores culturais, assim como a gestão participativa das próprias comunidades em seu ambiente, é uma condição para conservação ecológica da base de recursos para um desenvolvimento sustentável.

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, o desenvolvimento dos grupos humanos se faz com ritmos diferentes e modalidades variáveis, como por exemplo, as formas de utilização e transformação dos recursos naturais disponíveis. Conhecimento sobre seu ambiente e seu grupo, reflete na qualidade da participação dos artesãos. Porém não é possível construir uma estratégia de desenvolvimento, agregando apenas iniciativas locais de desenvolvimento, é preciso harmonização, uma busca por arranjos colaborativos para evitar embates (SACHS, 2004; SANTOS, 1994).

CAPÍTULO II

O SENTIDO ECONÔMICO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL DE NOVO AIRÃO

Neste segundo capítulo será evidenciado o dinamismo da produção artesanal e das tradições, entendida como práticas sociais e culturais que os artesãos compartilham naturalmente por meio do seu trabalho. Não sendo possível observar o artesanato dissociado dos modos de vida que se estabelecem nos dois diferentes contextos culturais investigados. Seguido das contribuições das associações para consolidação de uma economia criativa em Novo Airão, uma economia com conceitos fluídos e ainda em construção, reforçando que o cerne do estudo são os processos de desenvolvimento e não apenas o crescimento econômico, considerando que Economia Criativa, de forma extremamente simplificada, é um setor que reúne as atividades que têm a criatividade e a cultura como matéria-prima. Verificando que cultura não é a cerejinha que enfeita, mas é o bolo.

2.1 O artesanato na economia: “No trabalho manual o homem exerce sua atividade criadora¹⁹”.

O surgimento do artesanato é inseparável do surgimento do trabalho humano. Apesar, que o uso da palavra artesão tenha surgido apenas no século XV, sendo apenas no XIX a utilização do termo artesanato para designar o regime de trabalho dos artesãos (RORIZ, 2010). Pereira (1979) destaca a atividade artesanal como fato econômico, como campo de trabalho e como toda atividade humana não poderia ser compreendida se observada fora do seu contexto cultural: conhecimentos, experiências, tradições, hábitos, costumes que determinam as condições que lhe dão origem.

De acordo com Madeira (2014) o artesanato brasileiro foi submetido à posição inferior, inicialmente por sua associação ao trabalho escravo e, durante a maior parte do século XX, pelo entendimento de desenvolvimento industrial presente no País. Desvalorizado enquanto trabalho ou mesmo profissão, no entanto, a transformação de entendimento aconteceu em paralelo ao discurso da sustentabilidade e por sintetizar uma combinação peculiar de elementos como simplicidade, elegância e autenticidade, uma forma de reaver tradições e, sobretudo, de busca do diferencial.

¹⁹ Suzana Albornoz. O que é trabalho. p.57.

O artesanato é visto como um importante instrumento de desenvolvimento e fortalecimento da identidade cultural. Ele é definido pelo programa do artesanato brasileiro (2012, p.12) como:

Toda a produção resultante da transformação de matérias- primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (*possui valor simbólico e identidade cultural*), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios.

Compreendendo que o “saber fazer” gera um produto e também ações sociais, envolvidos pela identidade cultural e valores simbólicos, refletindo diretamente na economia local. O processo de produção que envolve o artesanato é peculiar, pois é estabelecido pelo fazer próprio, seu ritmo é marcado pelo gesto humano, com participação direta do agente produtor, em todas ou quase todas, as etapas de produção. O artesanato não é um produto de máquina, é manual (Figura 31), e, portanto, irregular, perfeitamente irregular (LIMA, 2005).

Figura 31 – O fazer manual dos artesãos de Novo Airão.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2017.

Apreender que as práticas de produção artesanal não estão dissociadas dos modos de vida de quem as produz. Segundo Veloso (2004, p.32) a tradição ou as tradições “manifestam-se através de práticas coletivas concretas que se inscrevem no cotidiano dos grupos sociais”. Concordando com Alvin (1983) ao não utilizar o artesanato apenas como expressão de uma categoria, mas as diferentes realidades que se escondem sob a capa do artesanato.

Como descreve Almeida (2008, p.30):

(...) a noção de “tradicional” não se reduz à história, nem tão pouco a laços primordiais que amparam unidades afetivas, e incorpora as identidades coletivas redefinidas situacionalmente numa mobilização continuada, assinalando que as unidades sociais em jogo podem ser interpretadas como unidades de mobilização. O critério político-organizativo sobressai combinado com uma “política de identidades”, da qual lançam mão os agentes sociais objetivados em movimento para fazer frente aos seus antagonistas e aos aparatos de estado.

O artesanato de Novo Airão apresenta a relevância social e econômica da produção, no entanto, apresenta um processo social contraditório, de um lado o sucesso em comercialização e a popularidade do produto em feiras e de outro um processo limitado, como as barreiras territoriais e a carência de matéria-prima. A tradição deve ser tratada como um elemento cultural que nas realidades averiguadas, estão presentes nas práticas culturais e sociais que aqueles artesãos compartilham diariamente por meio de seu trabalho (RORIZ, 2010).

Utilizando da concepção que o trabalho é uma condição da existência humana, na qual o homem transforma a natureza para atender as suas necessidades, o que sobressai é a relação do homem com a natureza (Figura 32) por meio do trabalho e a humanização sob o aspecto de autocriação do homem no processo de transformação da natureza pelo trabalho. As mudanças nas formas de trabalho constituem os indicadores básicos da mudança das relações de produção e das formas sociais em geral do intercuro humano (ALBORNOZ, 1986).

Figura 32 - A arte representada no produto e nos espaços das instituições.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2016.

O trabalho seria o fator que faz a mediação entre o homem e a natureza. A expressão da vida humana, alterando assim a relação do homem com a natureza. E assim também, por meio do trabalho, o homem se transforma a si mesmo. O trabalho enquanto atividade humana surge para atender uma necessidade, fruto de uma relação dinâmica do sujeito com o elemento que o satisfaça. O trabalho concebido como um estímulo para o desenvolvimento do homem,

sendo expressão do homem e expressão da personalidade do indivíduo. O homem se torna um criador por sua própria atividade (ALBORNOZ, 1986).

No trabalho dos artesãos observa-se a existência de uma relação entre significações sociais do trabalho e o sentido pessoal que os artesãos demonstram pelos seus gestos. Leontiev (1978) explica que ocorre a diferença entre significado e sentido do trabalho, o significado entende-se a objetivação do trabalho, a sua finalidade fixada socialmente, “o homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente e apropria-se dele tal como se apropria de um instrumento” (idem, p.96). Quanto ao sentido do trabalho diz respeito aos motivos individuais para realiza-los. Sendo importante evidenciar os significados sociais, as histórias pessoais e familiares dos artesãos e seu cotidiano.

Para Mello (2008, p.42)

“Um valor se distingue de uma coisa porque possui um conjunto de significados, enquanto a coisa possui apenas conteúdo. Pelo conteúdo, o valor se distingue como objeto empírico de outros objetos; pelo significado o valor sugere outros objetos com os quais foi associado no passado”.

O trabalho dos artesãos confere-lhes identidade social, como ressalta Codo (1999, p.42) “cada ação humana é uma síntese, ao mesmo tempo, única e universal, do nosso passado e do nosso futuro”. O trabalho perpetua a prática do trabalhador, permitindo aquele sujeito, como ser histórico, a possibilidade de permanecer além de si. A mesa do artesão da Nov’arte ou o chão da sede da AANA utilizado para teçume das artesãs, esses espaços/cantos existem como seu outro ser, e os artesãos, por meio dos seus produtos, apresentam-se perante os outros homens materializados, construindo suas identidades sociais, a maneira como o homem compõe a si e se apresenta ao outro (RORIZ, 2010).

A tradição representada no artesanato da AANA, por exemplo, tem uma grande carga de nostalgia, o desejo de retornar a um passado idealizado. Porém a tradição, em maior ou menor escala, é inventada em algum momento, verifica-se que as tradições mudaram com o tempo, adaptam-se às novas circunstâncias. A maior parte tem respaldo no passado, tem referencial histórico (HOBSBAWN, 2008).

Existe uma concordância entre os entrevistados sobre a necessidade de se preservar o passado, pois a identidade tem no passado o seu lugar de construção. A identidade se constrói na memória. O trabalho artesanal enquanto trabalho humano integra arte e técnica, materialidade e imaterialidade (POLLAK, 1992).

Para Bonifácio (2002, p.19)

Artesanato é uma palavra inventada. Para o índio, na realidade, é arte, faz parte da nossa vivência, da nossa vida e cultura. Esses materiais eram trabalhados com os velhos. Através desse trabalho podemos identificar os povos. Aqueles artesanatos que são feitos a partir dos produtos dos brancos é que são os artesanatos.

O artesanato local é visto como herança da cultura e das técnicas artesanais dos moradores das suas comunidades e familiares, “Minha cultura é o que sei fazer, o que aprendi com meus pais. Meus filhos não podem dizer que não ensinei nada a eles” (Artesã da AANA, 2016). Nota-se na AANA o fortalecimento dos laços familiares, valores culturais transmitidos de geração em geração (Figura 33), havendo uma preocupação com a continuidade das atividades para cultivar e incentivar o artesanato, “não deixar morrer” (artesã da AANA, Out. 2016).

Figura 33 - Três gerações de artesãos da AANA.



Fonte: José Antunes Neto, 2016.

Outro depoimento reitera esse entendimento:

A importância da associação eu acho que não só pra mim, pra todos os artesões, é que valoriza a nossa cultura, é onde a gente demonstra todo o nosso trabalho, nosso empenho buscando a qualidade pra colocar isso no mercado e também mostrar essa cultura que não só é minha, mas também é do caboclo, do povo indígena (Artesã da AANA, Maio 2012).

Embora esta pesquisa não se proponha a fazer um estudo de gênero, é importante relatar a participação feminina na organização das associações estudadas, sua atuação na

renda familiar, alterando o padrão tradicional de família, refletindo mudanças de comportamentos.

Antunes (2010) aponta que essa realidade que se apresenta, permite verificar que a consciência de classe tornou-se uma articulação complexa, admitindo heterogeneidades, entre peculiaridades que coabitam numa situação particular no processo produtivo e na vida social.

Ouvindo os artesãos da Nov'Arte, os mesmos revelam o reconhecimento do valor cultural e comercial da sua produção, seja pela valorização da sua atividade ou pelo retorno financeiro, refletindo diretamente na autoestima dos artesãos, na mudança de comportamento, difícil até de ser quantificado, sua fala e o orgulho que falam de sua profissão e os ganhos conquistados por meio de seu ofício, pois pela arte que produzem, puderam alcançar melhorias em suas vidas (DUNLOP, 2001).

Esta importância pode ser observada no depoimento:

Meu trabalho na associação é o meu sustento. Ajuda não somente no recurso financeiro, mas ajuda no conhecimento das pessoas, transformando uma madeira que seria jogada fora, aproveitamos tudo da madeira, hoje nos beneficiamos em peças, em dinheiro (Artesão da NovArte, Maio de 2016).

Keller (2014) lembra que o artesanato enquanto uma atividade econômica é diversificada e intersetorial. Em Novo Airão, os artesãos dominam todas as etapas do processo de trabalho, no artesanato desenvolvido naquele local, um único artesão exerce todas as funções, a exemplo dos artesãos da Nov'Arte ou mesmo as artesãs da AANA que deixam aos homens a coleta da fibra e executam o trançado, porém é explícito a consciência que as mesmas possuem da sua parte no todo. Segundo Wright Mills (2009, p. 60):

O que é realmente necessário para o trabalho-como-artesanato, contudo, é que o vínculo entre o produto e o produtor seja psicologicamente possível; se o produtor não possui legalmente o produto, deve possuí-lo psicologicamente (...). O artesão tem uma imagem do produto acabado, e mesmo que não o faça inteiro, vê o lugar de sua parte no todo e, por conseguinte, compreende o significado de seu esforço em termos desse todo.

O trabalho do artesão não se determina apenas pelo uso das mãos ou se restringe ao simples trabalho manual, mas na habilidade em transformar um pedaço de madeira encontrada na floresta em réplica de um animal da fauna local (Figura 34) ou o trançado de fibras vegetais decorando ambientes. Essa análise parte da seguinte fala: “quando eu vejo uma peça de madeira, já imagino logo, o que dá pra fazer dela, qual bicho, coisa assim, só pelo tamanho” (artesão da Nov'Arte, 2012).

Figura 34 - Boto ganhando forma.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2016.

As observações se valem da afirmação de Keller (2014) que tais reflexões teóricas são importantes para ressaltar que o trabalho do artesão envolve capacidade de projetar e de criar objetos a partir de elementos da cultura e envolve domínio do fazer, a arte do saber fazer aquele artefato em particular. O entalhe e o trançado envolvem um processo produtivo e criativo.

Criatividade reproduzida materialmente, práticas inovadoras que se confrontam com transformações simbólicas e culturais partindo dos elementos da diversidade e diferenciação dos recursos naturais em seus lugares distintos (MEDEIROS, 2013).

2.2 Cultura: o fermento do bolo, não mais a cereja.

O artesanato da FAM e da ANNA é visto aqui como um produto cultural, uma representação que reflete a vida que levam enquanto moradores da cidade de Novo Airão e uma expressão simbólica dos costumes locais, o que me permite entender suas práticas constituídas por um conjunto de valores e seus comportamentos compartilhados pelos artesãos nos seus contextos sociais.

Emprego a cultura num sentido mais restrito e independentemente de uma única definição, o conceito de cultura abarca elementos, valores culturais e uma atitude mental coletiva. Símbolos que aparecem de maneira variada em cada grupo humano (KUPPER, 2002).

Um entendimento conduzido com base em ações humanas e não há dúvidas de que a cultura tem uma grande influência na dinâmica dos grupos estudados. Ficando muito claro que não se pode pensar em cultura sem pensar nas dimensões sociais e econômicas. Hutnyk (2006, p.357) argumenta que:

A cultura é parque de diversões e mercadoria, é o refinamento e profundo e o mundano e extremo. Está cruzada, simultaneamente, pela identidade, pela tradição e pela mudança; é recurso, muralha, disputa. (...) não é algo separado da política, do comércio, da religião ou do ódio (...) que é cultura também.

Observando o cotidiano das instituições destaca-se que a cultura embora dinâmica, encontra-se interligada a economia de forma a constituir um dado novo e estratégico para as relações econômicas locais. Refletindo o processo de trabalho e a produção dos objetos artesanais, integrando a isso o processo de produção de valor, a produção artesanal enquanto produtora de objetos dotados de valores culturais, simbólicos e valores mercantis.

Compreendendo que a cultura, é colocada como a base das ações humanas, uma das propulsoras do desenvolvimento da sociedade, entendido em sua totalidade. Não se pode conceber desenvolvimento ou tecnologia sem cultura, porque tudo está impregnado de cultura (FERREIRA, 2010).

Pela perspectiva de Canclini (2008) ressalto que na FAM e na AANA a cultura integra um conjunto de trocas sociais ligadas ao processo de bens materiais e imateriais, desenvolvidas a partir da produção e do consumo. Os aspectos culturais, econômicos e sociais são evidenciados de maneira central no consumo. Ampliando a participação da Cultura no desenvolvimento socioeconômico local, esta como vetor da economia, uma economia cuja base, é a diversidade cultural e a criatividade como elemento norteador.

Diante das entrevistas realizadas com os artesãos e pela observação in loco sustento que as atividades artesanais da Nov'Arte e da AANA são imbricadas de criatividade e diversidade cultural, características que contribuem para o crescimento da economia. Um crescimento fundamentado na diversidade cultural, no potencial criativo e principalmente mais humanístico. Quando perguntados como a cultura se relaciona com criatividade apontam o artesanato. O conhecimento e a criatividade são os principais elementos presentes nas formas de produção e de crescimento das associações estudadas. Compreendendo que quanto maior a heterogeneidade e solidez da produção cultural local, maiores serão suas possibilidades de desenvolvimento.

A cultura pode ser vista sob vários enfoques, perpassando por todas as esferas da vida social, nesse estudo, dá-se atenção a sua dimensão econômica, sem desconsiderar seu poder simbólico, que também se tem expandido, dimensão especificamente tratada pela economia criativa. A economia criativa, que resulta da soma da produção e do comércio de bens e serviços que possuem o conhecimento e a criatividade, ou seja, o conteúdo simbólico e intangível como elemento diferenciador, representa a categoria integradora da investigação que segue (MADEIRA, 2014; REIS, 2009).

2.3 O valor dos conceitos e das ideias na nova economia

No que concerne especificamente o termo Economia Criativa é relativamente recente, conceito originário do mundo anglófono, concentrado em países de língua inglesa, no Extremo Oriente e na Europa. Foi utilizado pelo autor inglês John Howkins, como título de seu livro “The Creative Economy – How People Make Money from Ideas”, de 2001, no qual o autor enfoca a dinâmica econômica, definindo a criatividade como sendo a capacidade de gerar algo novo, o negócio das ideias e a propriedade intelectual como característica predominante (NEWBIGIN, 2010).

De acordo com Reis (2008), o conceito de economia criativa origina-se do termo *indústrias criativas*, por sua vez inspirado no projeto *Creative Nation*, da Austrália, de 1994. Entre outros elementos, este defendia a importância do trabalho criativo e sua contribuição para a economia do país. No entanto, foi o modelo britânico, que teve maior impulso, sucesso, sendo replicado para outros países, foi pioneiro, pois provocou reflexões a cerca da estrutura e dos modelos socioeconômicos.

A criatividade representa o elemento determinante da economia e indústria criativas (conceito diretamente vinculado), e que se encontra no centro desse desafio conceitual. Acrescido de habilidade e talento individual particularidades que promovem potencial para a criação e oferta de atividades por meio da geração e exploração de propriedade intelectual. Observa-se a valorização da criatividade, da originalidade e do mérito particular em produzir, além do olhar atento as características e capacitação dos trabalhadores dessas indústrias.

Entre as discussões conceituais, reflexões e interpretações, observamos que tais processos são resultados das transformações vividas pela sociedade. Richard Florida (2011) diz que, a força motriz dessa mudança é a ascensão da criatividade humana como agente central na economia e na vida. A criatividade é multidimensional e se apresenta de diversas formas que se potencializam e não é surpreendente que a criatividade tenha se tornado o bem

mais estimado de nossa economia, com produtos e serviços de conteúdo criativo e valor cultural. Percebendo que tais interações são complexas, com base em Duisenberg (2008) apresento uma visão geral dos principais conceitos intrínsecos à dinâmica da economia criativa, conforme figura 35.

Figura 35 - Dimensão de desenvolvimento da economia criativa.



Fonte: Edna Duisenberg, 2008.

Uma infraestrutura econômica cada vez mais voltada para o cultural e social, talvez uma forma de humanizar o processo. Uma crescente economia que emprega a criatividade e o talento humano frente aos sentidos econômicos.

Reis (2008) aponta as características da economia criativa como a criação de novos modelos de consumo, em que a identidade cultural atribui aos bens produzidos e os serviços ofertados características únicas. Instituinto um novo exercício, outras maneiras de relacionamentos entre as pessoas e seu ambiente e com a cultura à sua volta.

2.4 Economia criativa: valorização da criatividade e do talento humano

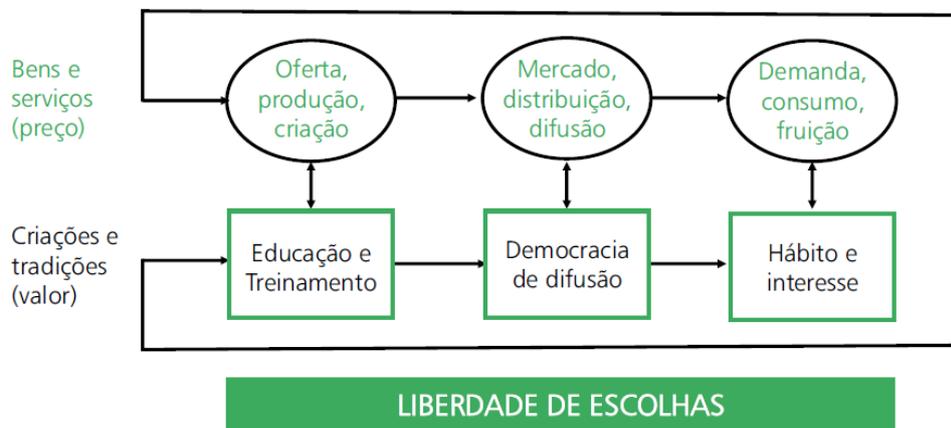
A economia criativa também pode ser compreendida, segundo Madeira (2014) como um novo conceito, adaptado ao delicado equilíbrio entre demanda econômica e o patrimônio. Para competir na atual economia, às pessoas precisam de informação e conhecimento, mas também de originalidade e de persistência para desafiar o crescente volume de informações e a complexidade da era contemporânea.

O artesanato compõe as indústrias criativas, pois gera um produto criativo, que deve atender a duas condições: resultar da criatividade e possuir reconhecido valor econômico. A transição do abstrato ao prático é de difícil apreensão, ocorrendo quando a ideia é identificada, aplicada e se torna uma propriedade.

A economia criativa mistura expressões do valor cultural e econômico. Além do seu valor de troca, (o estágio final para que os bens encontrem o seu nível de preço no mercado) e seu valor funcional, a maioria dos produtos das indústrias criativas têm um ‘valor expressivo’, um significado cultural que pouco tem haver com os custos da sua produção ou utilidades, um valor agregado que pode ter pouca importância há longo prazo ou pode promover uma expressão de grande relevância cultural, gerando novos pontos de vista e experiências (REIS, 2009; MADEIRA, 2014; NEWBIGIN, 2010).

Reis (2009) aponta que a estrutura teórica do ciclo da economia criativa apresenta duas dimensões paralelas: material e simbólica, que se comunicam e se reforçam entre si. O modelo (Figura 36) contempla os bens, serviços e manifestações culturais que entram em um fluxo completo de produção, distribuição e consumo.

Figura 36 - Ciclo da economia criativa.



Fonte: Ana Carla Reis, 2009.

Se os artesãos não distribuem sua criação, não a põem em circulação, seu entalhe e trançado não concretizam seu potencial de consumo. Sob o enfoque econômico, trata-se de um fluxo incompleto: a produção se concretiza, encerra-se em si mesma. Não é distribuída, não circula, não chega aos outros. Se isso já é danoso, para cultura é ainda pior, já que os produtos que não circulam deixam de transmitir suas mensagens e seus valores (REIS, 2009).

Reis (2008) assinala que a economia criativa se estrutura em forma de rede. A produção e o consumo, deixando de seguir o modelo tradicional, de um para muitos,

desdobram-se em uma gama de possibilidades de muitos produtores para muitos consumidores. Uma estrutura em rede em que cada participante se beneficia com a entrada de novos colaboradores, de novos artesãos, gerando uma forma mais democrática de produção, distribuição e acesso.

Uma das principais contribuições teóricas desse modelo da economia criativa é a relação direta entre a produção artesanal e a capacitação dos artesãos, sob o viés da cultura, imaginar como muito do conhecimento tradicional dos artesãos se perdem por falta de aprendizes. A oferta reforça e é reforçada pela capacitação (REIS, 2009; RORIZ, 2010).

Cenário este não apenas percebido em Novo Airão, mas em algumas pequenas cidades, o desinteresse dos jovens em aprender um ofício artesanal. O diretor da FAM conta que “o jovem não são mais interessado, pensam que artesanato é coisa de vovô, coisa assim e não é. A gente trabalha designer computação, toda marchetaria que a gente faz é trabalhada, realmente é arte. Designer é arte” (2016).

Identifica-se uma adequação do artesanato às mudanças tecnológicas, ou as expectativas de consumo, o que não podem ser compreendidos como formas de descaracterização do trabalho ou afastamento de sua essência original, como pensam alguns. As mudanças sociais e tecnológicas podem funcionar como organização para reconquistar ou manter sua identidade cultural.

Querer restringir o acesso do artesão às novas técnicas de produção, não implica em acabar com o artesanato autêntico, pois a autenticidade estar na forma particular que cada artesão concebe ou expressa sua realidade. Esse entendimento é percebido na Fundação Almerinda.

A gente vai começar o tema arte sustentável com os adolescentes, vou trabalhar com eles justamente, a gente rabisca no computador, começa a fazer a forma. Reatualizando talvez o artesanato, arte e designer, podemos interessar jovens que vão precisar de uma renda boa, porque os aspirantes a mestres que aqui estão trabalhando, estão ganhando, no líquido, em média, vindo trabalhar todo dia, eles tiram dois mil a dois mil e 500 reais por mês (Fundador e Coordenador da FAM, Set. 2016).

A inovação é uma forma de agregar valor, seja pelo design ou pela melhora da estética do produto, aliar artesanato e *design* é uma maneira de estabelecer diálogo com o mercado consumidor. De acordo com Diederichsen (2003), o designer tem seu papel na valorização do artesanato desde a escolha da matéria-prima até a criação de linhas de produtos, passando pela organização da produção, uso de técnicas artesanais, reaproximação de valores tradicionais e culturais.

Nas Associações existem dois distintos posicionamentos, pela AANA que conserva os objetos nas condições em que foram criados no passado, denominado pelos artesãos como um artesanato de tradição indígena e a FAM que busca adequar seu artesanato ao mercado, uma adequação ao novo contexto que vivem.

Temos um mercado que permite injetar 15 a 20 pessoas sem problema nenhum, estamos trabalhando com apenas 50% das nossas possibilidades, possibilidades criativas também. Estamos falando dos animais e da marchetaria mas tem outras. Cê sabe muito bem, que em moda que se vê no mundo inteiro, os brinquedos de madeira, os jogos educativos, as bijuterias de qualidade, tudo isso aqui, temos nossa linha de produção, só precisa encontrar pessoas interessadas, porque não podemos investir por dois ou três pessoas, não temos condições financeiras, a fundação tem que ter um número de pessoas suficiente para montar o projeto (Fundador e Coordenador da FAM, Set. 2016).

A definição de artesanato presente no início deste capítulo inclui-se características estéticas e valorativas, como a qualidade do artesanato, servindo de base para ações desenvolvidas por designers e instituições brasileiras como o SEBRAE (Roriz, 2010).

Durante as entrevistas realizadas verifiquei que embora essas instituições desenvolvam importantes ações de organização social, de associativismo, de responsabilidade social, de design e de inovação, uma parte da comunidade ainda tem dificuldade de compreender a relevância do artesanato como um componente da economia, uma atividade ponderada apenas quando deixam de trabalhar, não sendo parte da sua vida laboral. Não ignoro que possa haver outros obstáculos à concretização pelo interesse em abraçar esse ofício, abrindo mão da atividade cultural.

Uma dificuldade apresentada por Reis (2009) no ciclo da economia criativa é a distribuição dos produtos, empecilho presente em ambas às associações estudadas. A autora aponta a necessidade de se considerar se há uma concordância de interesse entre as associações produtoras e distribuidoras desse artesanato e a sociedade que passa a ter acesso aos produtos, pelo equilíbrio entre a oferta, a demanda, e da relação de troca e valorização. Compreendendo a demanda, entende-se que o consumo é impulsionado por hábitos e interesses.

Roriz (2010) e Reis (2009) nos convidam a refletir um desenvolvimento como ampliação da liberdade de escolha dos diversos agentes do ciclo produtivo, escolhas disponíveis em toda dimensão da economia criativa. Os cursos da economia criativa se caracterizam como funis, que podem causar inclusão ou exclusão à medida que a produção variada não pode encontrar canais de distribuição, e não chegar aos consumidores, o que acaba por desestimular a produção. Um entrave percebido na realidade da AANA, a conquista

de mercados decorre da relação com ONGs parceiras, tendo essas organizações papel fundamental na execução de estratégias de expansão da comercialização.

É necessário reconhecer que, as características da economia criativa exigem uma adaptação do perfil de capacitação das profissões tradicionais (pensamento flexível, valorização do intangível). A economia criativa não é apenas um apanhado de setores agregados em uma nova classe, mas o símbolo de um novo ciclo econômico, que surge como resposta a problemas globais, que motiva e estabelecem novos modelos de negócios, processos organizacionais e institucionais.

Nesse novo cenário, que traz a cultura em sua essência e a tecnologia como veículo propulsor, a prevalência de aspectos intangíveis da produção, são traços característicos desse modelo que tem como pressuposto de sustentabilidade, a melhoria do bem-estar e a inclusão socioeconômica (REIS, 2008).

Não tem muito espaço para fazer qualquer tipo de desenvolvimento econômico, juntando o turismo, ecoturismo e artesanato esta atividade de artesanato encaixa perfeitamente no perfil do município atual, acho que realmente, economicamente é a única solução para o futuro (artesão da Nov'Arte, 2016).

Faz-se necessário reconhecer as conquistas das atividades artesanais locais que reafirmam a cultura e a identidade coletiva daqueles sujeitos, constata-se a existência de perspectivas inovadoras, as formas de manejo empregadas, incentivo a pequenas associações e a promoção do uso de produtos florestais, como a fibra vegetal e os refugos de madeira uma alternativa de desenvolvimento em florestas tropicais, uma proposta de cunho socioambiental. Produção pequena com alta qualidade de seus produtos.

CAPÍTULO III

APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA E ECONÔMICA DA NATUREZA

No último capítulo é evidenciada a capacidade do artesão de mudar sua relação com a natureza, em que nenhuma de suas ações está eximia de representações. O elemento principal desses artesãos vem mais da cultura e das capacidades produtivas do que das condições naturais, esses grupos têm uma representação simbólica da região, que hoje compreende o Parque de Anavilhanas, que lhes fornecia os meios de trabalho e produção e os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais. A produção pautada nas possibilidades que se desdobram quanto à distribuição e falta de matéria-prima.

Uma descrição das estratégias adaptativas que os artesãos desenvolveram para explorar os recursos naturais e para enfrentar as limitações ecológicas que pesam sobre a reprodução dos recursos naturais e dos próprios grupos humanos. Não se submetendo às imposições naturais, mas tomá-las em consideração, ampliando seus efeitos positivos ou atenuando os negativos (DIEGUES, 2001).

3.1 Entendendo a Novo Airão “protegida”

O debate sobre o tema desenvolvimento nas últimas décadas vem sendo estendido, visto as transformações dos ecossistemas e racionalidade do uso dos recursos naturais, promover e avaliar o nível de desenvolvimento tem se tornado uma tarefa um tanto difícil, afinal outras categorias passaram a ser evidenciadas como importantes, demonstrando que muitas práticas desenvolvimentistas, mesmo gerando ganhos econômicos elevados, acabaram por impactar negativamente as condições de vida da humanidade (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2011).

Entendendo o desenvolvimento não apenas como sinônimo de desenvolvimento econômico, este compreendido como junção formada pelo crescimento econômico e pela modernidade tecnológica, em que ambos se estimulam, mas um processo que considera simultaneamente as diversas dimensões constituintes das relações sociais (cultura, economia, política) e também do espaço social e principalmente do espaço natural. Uma harmonização da gestão racional do ambiente, este como dimensão do desenvolvimento, internalizado em todos os níveis de decisão (SOUZA, 1997; SACHS; 1986).

O uso abusivo dos recursos naturais e de tecnologias poluentes nas estruturas produtivas, com o objetivo de obter lucros e garantir vantagens competitivas no curto-prazo, acabou por gerar grandes desequilíbrios ambientais. Para Leff (2000, p.96) “a natureza deixou de ser fonte de simbolização e significação da vida, suporte e potencial de riqueza material e espiritual dos povos, para se converter em fonte de matéria-prima desvalorizada”.

Frente à crise ambiental, que questionava a racionalidade que impulsionava e legitimava o crescimento econômico negando a natureza, a partir do final da década de 1980, o debate internacional sobre a questão ambiental, apresenta-se o conceito de desenvolvimento sustentável, um discurso nada homogêneo.

Segundo Leff (2011, p.247) um conceito que “expressa estratégias conflitantes que respondem a visões e interesses diferenciados”, concordando com Sachs (2002), este conceito tem diversas outras dimensões, no entanto, destaco a sustentabilidade ambiental que acabou, ao longo desses anos, encontrando uma definição aparentemente simples, mas concreta: sustentável é o desenvolvimento que se apoia, de forma equilibrada, nos pilares econômico, social – e aí se inclua o cultural - e ambiental (MACHADO, 2011; LEFF, 2011; SACHS, 2004).

O cruzamento da Agenda 21 e outras visões mais contemporâneas de sustentabilidade priorizam quatro dimensões abrangidas pelo ecossistema cultural, e, portanto, pela Economia Criativa. São as dimensões: simbólica, econômica, social e ambiental.

Economia para o ecossistema tangível, ambiental, mensurável quantitativamente, e Criativa para o ecossistema intangível, cultural, mensurável qualitativamente. A diversidade cultural prevalece como potencial produtivo integrando um sistema de recursos naturais e culturais, capazes de reorientar a produção que atenderá as necessidades da população (DEHEINZELIN, 2008; LEFF, 2000).

O atual momento de crise mundial de recursos naturais solicita um reposicionamento, faz-se necessário focar em atividades que possam utilizar recursos que não se esgotam: cultura, criatividade e conhecimento, entendidos como recursos que não apenas se esgotam, mas se renovam e multiplicam com o uso.

O artesanato tradicional, categoria principal deste estudo, tenciona um nicho de mercado, em que os aspectos artesanais e culturais são valorizados, considerando principalmente a conservação e as formas sustentáveis de uso dos recursos naturais. Estando implícito o papel preponderante da cultura e das relações homem/natureza.

A ideia de sustentabilidade norteia as atividades artesanais nas instituições estudadas, desde a etapa de produção até a comercialização. Lidando com matérias-primas esgotáveis,

cuja disponibilidade se regula não apenas pelas condições próprias da natureza (seca e cheia dos rios), mas também pelas condições de acesso.

Conforme inicialmente ressaltado, Novo Airão é abraçada por Unidades de Conservação, impedindo os moradores de usarem os recursos naturais existentes nessas áreas florestais, “as pessoas retiradas das reservas ou impedidas de nelas entrarem para coletar os produtos florestais de que sempre dependeram consideram isso uma violação do seu direito à vida” (SACHS, 2002 p. 68).

As populações tradicionais transferidas por força da criação de uma área natural de conservação exprimem esse desassossego de várias formas, aos que criticam a perda do acesso a espaços e recursos que consideram de uso comum e os que narram compreender que a restrição possa impedir a degradação ambiental.

A economia de permanência deveria estar afirmada na perenidade dos recursos, isto é na habilidade de transformar os elementos do meio ambiente em recursos sem destruir o capital da natureza. O conceito de recurso é cultural e histórico. É o conhecimento, pela sociedade, do potencial do seu meio ambiente (SACHS, 2002, p.70).

A crítica é percebida principalmente nas falas dos senhores artesãos, tendo em vista que alguns viviam da subsistência da pesca e agricultura nas hoje áreas protegidas, aos jovens que nasceram com a UC já instituída, relatam compreender os objetivos da área preservada.

Um caso recente de restrição, é o Terminal Hidroviário da cidade de Novo Airão (figura 37), interditado segundo moradores, no início do ano de 2017 por não dispor de autorização para funcionamento tendo em vista que foi construído em área protegida, sua estrutura se localiza nos limites do Parque Nacional de Anavilhanas.

Figura 37 – Praia em frente à cidade (A); Terminal Hidroviário interditado (B).



Fonte: Katiúscia Auzier, 2017.

Observa-se que os artesãos de trançado e entalhe conhecem bem os limites de crescimento da produção e dos mercados em que atuam, sobretudo pela própria limitação de acesso aos insumos que utilizam, um desafio diário para Nov'Arte e AANA, uma busca constante pautada na perspectiva da sustentabilidade baseada em três pilares: econômica, ambiental e social. Para Diegues (2001, p.64) os povos tradicionais:

(...) participam de sistemas econômicos diferentes e cada um desses sistemas determina um modo específico de exploração dos recursos naturais e do uso do trabalho humano, assim como o "bom" e o "mau uso" dos recursos naturais, segundo uma racionalidade intencional específica.

Cada associação apresenta um modo específico de exploração dos recursos naturais e uso da força de trabalho humana. Um sistema de manejo não apenas como forma de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo conhecimento adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais. “A capacidade de renovação dos recursos – significando esse termo o suporte básico da vida, água, solo e clima – requer uma gestão ecológica prudente, pois não se trata de um atributo concedido de uma única vez, para sempre” (SACHS, 2002, p.70).

A AANA desenvolveu uma forma particular de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução social e cultural; como também percepções e representações em relação ao mundo natural marcado pela ideia de associação com a natureza e dependência de seus ciclos. A FAM explora uma multiplicidade de habitats: a floresta, as áreas já transformadas para fins agrícolas, os ramais, uma busca constante por matéria prima.

A realidade observada em Novo Airão, com suas áreas protegidas e as pressões resultantes das necessidades dos sujeitos que vivem no seu entorno, remete a pensar à conservação da biodiversidade pelo Ecodesenvolvimento definido por Sachs (2002) como um estilo de desenvolvimento particularmente adaptado. Tendo como uma das características mais marcantes:

Em cada ecorregião, o esforço se concentra na valorização dos recursos específicos, para a satisfação das necessidades fundamentais da população em matéria de alimentação, habitação, saúde e educação, sendo essas necessidades definidas de maneira realista e autônoma, com vista a evitar os nefastos efeitos de demonstração do estilo de consumo dos países ricos (SACHS, 1986, p.15).

O Ecodesenvolvimento requer o planejamento local e participativo, no nível micro, das associações estudadas, entendendo que estão envolvidas na proteção da área, e as comunidades de cidadãos e as autoridades locais. Ações orientadas pelo “pensar globalmente e atuar localmente” (SACHS, 2002). Leff (2000, p.272) alerta que “a aplicação do Ecodesenvolvimento implica a análise das formas concretas de apropriação dos recursos dos diferentes ecossistemas por diferentes formações socioeconômicas, através da articulação entre os seus processos ecológicos, sociohistóricos e culturas”.

É importante ressaltar que os fatores que cooperam para o desenvolvimento da atividade econômica das instituições, evidenciam os deveres e ações determinando a organização dos setores presentes nas relações sociais. Estes processos se configuram nas relações sociais e tem como objetivo contribuir para o crescimento da economia por meio da circulação do capital.

O artesanato da AANA ganhou força como manifestação cultural, o da FAM como importante estratégia de conservação ambiental. Conservação dos recursos naturais como meio que possibilite processos de expansão “das liberdades humanas”, como também a dinâmica ambiental, um dos fatores que influenciam expressivamente no modo de vida dos artesãos. Sachs (1986, 2002) lembra que os problemas de recursos, população, meio ambiente e desenvolvimento só poderão ser totalmente compreendidos quando estudados em suas relações mútuas, necessitamos aprender como fazer um aproveitamento sensato da natureza para construirmos uma boa sociedade. Sachs (2002, p.75) continua:

O Ecodesenvolvimento pode ser mais facilmente alcançado com o aproveitamento dos sistemas tradicionais de gestão dos recursos, como também com a organização de um processo participativo de identificação das necessidades, dos recursos potenciais e das maneiras de aproveitamento da biodiversidade como caminho para a melhoria do nível de vida dos povos.

À medida que os processos fundamentais de produção social, econômica e cultural funcionam, pode-se afirmar que são sociedades sustentáveis. Essa sustentabilidade, no entanto, está associada as formas produtivas e o desejo pela conservação dos recursos naturais.

3.2 Aproveitando o que a natureza oferece

Muitos dos recursos naturais explorados comercialmente na Amazônia, como nos casos aqui estudados, de arumã e madeira são matérias-primas, pesquisadas e manejadas há

tempos. Na última década, diversas espécies de plantas, ao caso da AANA, são utilizadas por povos tradicionais para a confecção de artesanato em fibras vegetais, servindo para complementar a renda econômica familiar de inúmeros grupos sociais. Historicamente, o incentivo para a revenda comercial do artesanato parte de ONGs e programas governamentais (Nakazono, 2007).

Na AANA acontece o trançado com as tiras de arumã, tiras tingidas com tinturas e resinas originais da flora local, retiradas de árvores e arbustos como a goiaba-de-anta, urucu, castanheira e outras. A planta mais utilizada pela Associação é a espécie de arumã membeca, a única que possui plano de manejo.

O arumã é uma planta herbácea, de tamanho médio e grande, que cresce em locais alagados, como as florestas de igapó. Na forma de touceiras, é composta por talos em diferentes estágios: o broto, um talo novo; o olho um talo jovem e o maduro. A palha é extraída da folha jovem, ou “olho”, antes de abrir-se. Restando a tala que é obtida a partir do processo chamado pelos artesãos de “destalagem” (Figura 38), a retirada da camada superficial do talo, sobrando o miolo poroso, o bucho que é jogado fora.

Figura 38 - Destalo em tiras.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2012.

A extração segue o plano de manejo já descrito em linhas anteriores, reiterando que permissão de uso dos locais selecionados para manejo em APA, pelos órgãos ambientais responsáveis, e também em Área de Preservação Permanente (APP), se deve ao fato desta atividade ser realizada em pequena escala, como atividade de cunho socioeconômico não predatório.

No entanto, a relação entre AANA e a comunidade do Sobrado tem ocorrido com certa tensão nas negociações de uso dos igarapés, agregado a isso, o período indicado no plano de manejo para a reposição correta do arumã é de três anos; logo, é necessário a procura por outros igarapés e deixando alguns como área de “descanso”.

O arumã deve ser trabalhado maduro, sendo utilizado verde apenas para arremate, após a coleta deveria ir para tanques de armazenamento (Figura 39), onde ficaria amarrado em feixes, submerso na água.

Tem pouca área, vamos coletar a quantidade que tem aqui e aí mantém ela lá, submersa coloca água e tal e de lá vai tirando para produção, quando o turista chegar, encontrar os artesãos produzindo. Se você for hoje na Associação tá vazio o tanque, não tem matéria-prima lá, guardada para fazer a produção, estrutura a Associação tem para receber material e produção, mas não tem matéria-prima pra isso, infelizmente (Ex- presidente e artesão da AANA, Set. 2016).

Figura 39 - Tanque da AANA.

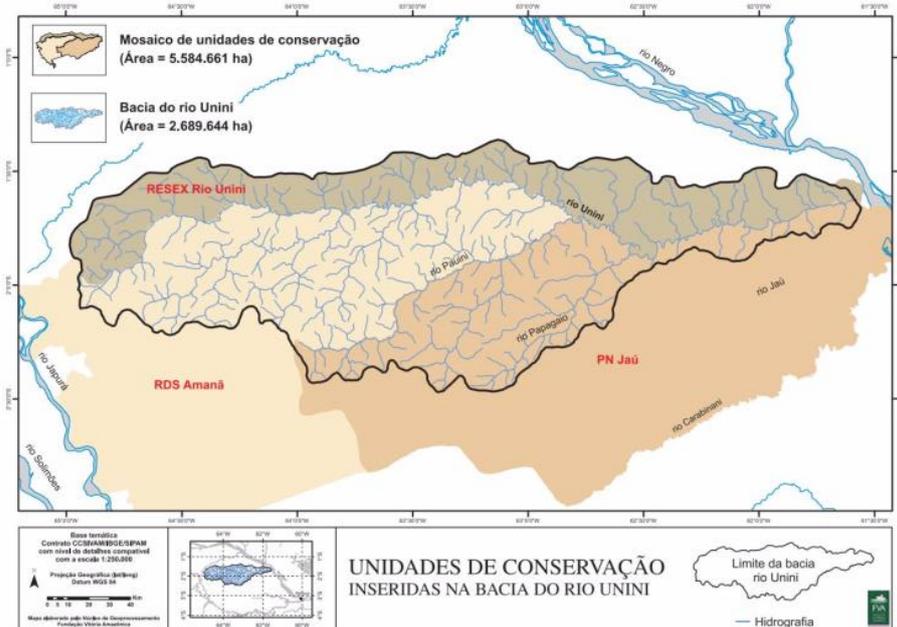


Fonte: Katiuscia Auzier, 2016.

Conforme informações obtidas com as artesãs, a AANA está desistindo do acesso às áreas da comunidade do Sobrado, buscando por meio da FVA extração com os moradores da Resex do rio Unini²⁰, sabe-se, que nessa área pertencente ao Parque Nacional do Jaú (Figura 40), existem igarapés “fechados” pela grande ocorrência de touceiras de arumã.

²⁰ Os igarapés do Rio Unini, na região de delimitação do Parque Nacional do Jaú, Barcelos – AM, são locais com grande abundância de arumã, segundo os moradores. O Rio Unini é um dos locais mais ocupados do Parque Nacional do Jaú e de seu entorno (Nakazono, 2007).

Figura 40 - Mapa das unidades de conservação bacia do rio Unini.



Fonte: FVA, 2016.

Ao processo de preparo descrito anteriormente, reporte a fala do presidente da AANA, que na primeira manhã que estive na sede da associação me explicou pacientemente também o preparo do arumã para receber a cor (Figura 41). No quintal da Associação verifica-se algumas plantas como o arumã e a goiaba-de-anta. Para o branco, lava-se com sabão e palha de aço; para o preto, tira-se o lodo de cima e raspa-se, o jenipapo também é utilizado para atingir a cor e para o vermelho tirar o lodo e logo iniciar a pintura com urucu.

Conforme destacado pelo presidente da Associação esses conhecimentos foram passados pela sua avó, descendente do povo Baré, que ainda hoje são mantidos, sendo também um “atrativo” para as pessoas que visitam a sede de produção.

Figura 41 - O tingimento.



Fonte: José Antunes Neto, 2016.

A goiaba-de-anta (Figura 42) é utilizada como verniz, quanto mais camadas de verniz, mais brilho adquire o talo, depois de pintado na cor desejada, ocorre o destalo em tiras com auxílio de uma faca pequena e posto no sol para secar por duas horas.

A largura depende da peça a ser produzida. Todos os artesãos conhecem e participam das etapas de tingimento, destalagem, tecimento e arremate, todo o processo é longo, envolve coletores e tecedores, levando, no mínimo duas semanas, apenas para tingir, destalar e tecer (Figura 43).

Figura 42 – Árvore goiaba-de-anta.



Fonte: Kátiuscia Auzier, 2012.

Figura 43 – O trançado da fibra.



Fonte: Katuscia Auzier, 2012.

A qualidade das peças está diretamente relacionada com esses aspectos em conjunto, que caracterizam a atividade tradicional e diferenciam-na de outra mercadoria que é vendida em larga escala. Contudo, a arte se dinamiza e permite inovações sobre as formas e matérias-primas utilizadas, “hoje em dia a associação produz muito artesanato daqueles cachos da macaba e açai, faz bastante. Inclusive esses artesanatos têm nas pousadas aqui” (Figura 44) uma estratégia de adequação a demandas de mercado (ARTESÃ DA AANA, Out.2016).

Figura 44 - Produção de jogo de mesa.



Fonte: Katuscia Auzier, 2016.

Na AANA o acesso à matéria-prima e a fabricação dos produtos de fibras no galpão da Associação são os aspectos principais da produção. A dificuldade na obtenção das fibras de arumã enfraquece a produção local.

Há pouca matéria-prima que tem, mal dá para manter as lojas aqui, se vocês chegarem na loja da associação tem alguns produtos lá pendurados, entendeu? Porque não consegue produzir para encher a loja, porque tem algumas encomendas menores, daí vai vareando dessa forma, a maior dificuldade disso tudo é a matéria-prima para produção (Ex- presidente e artesão da AANA, Set. 2016).

Quanto ao local de trabalho as artesãs utilizam tanto a Associação como trabalham em casa. O que determina o ritmo de trabalho e a quantidade de tempo trabalhado é o volume das encomendas dos clientes e o prazo de entrega das peças, considerando que realizando em menor tempo possível para recebimento do pagamento. Considerando também o ritmo próprio de cada artesã e qualidade impregnada na peça (Figura 45).

Figura 45 - Artesã trançando.



Fonte: Jocilene Gomes, 2012.

Já acontece na AANA a preocupação em não atender as demandas dos clientes, tanto pela falta de matéria como limitações operacionais, como:

Uma vez chegamos a receber uma encomenda do Marcelo Rosenbaum, aquele arquiteto do caldeirão do Huck, veio pra cá, no carnaval, veio visitar os botos, passeou e tal, aí com a família aqui andando na rua, entrou na associação, aí o cara ficou encantado com o trabalho, com os tapetes, com os desenhos e tudo, aí ele queria colocar aqueles tapetes no fundo dos quartos das casas, entendeu? Aí a gente não conseguiu enviar porque os correios só envia com até 1 metro de altura, né? E ele queria os tapetes de 4 metros e meio, de 5 metros, aí perdemos a encomenda dele (ex-presidente e artesão da AANA, Set. 2016).

O apoio das instituições é relacionado com o aumento das vendas e valorização do artesanato. No entanto eles ainda dependem de compradores externos. O turismo tem um papel importante na comercialização dos produtos da loja. O consumidor tem contato direto com o artesão que está produzindo ou com o artesão responsável pela venda (Figura 46).

Figura 46 – Recepção da artesã na loja (A); A produção acontece normalmente durante a entrevista (B).



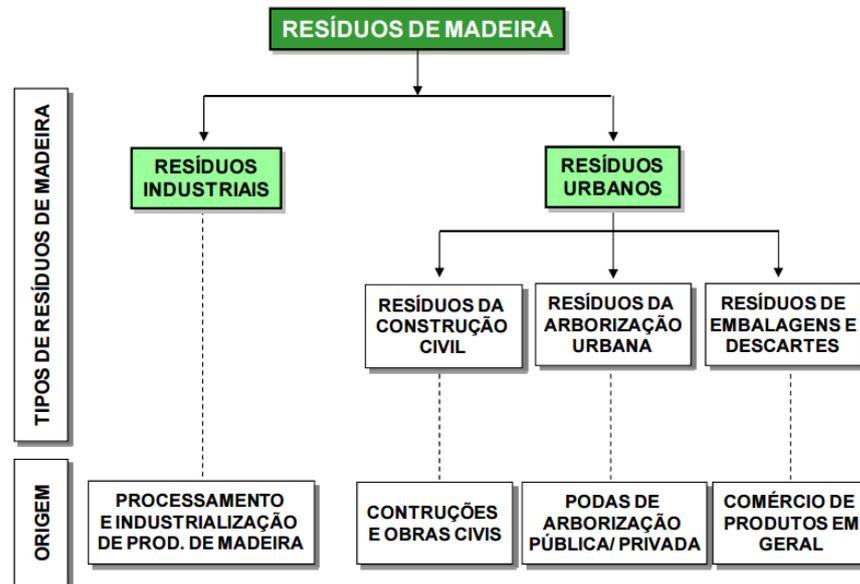
Fonte: José Antunes Neto 2016; Jocilene Gomes, 2012, respectivamente.

Em ambas as associações a maioria de turistas que frequentam as lojas são conduzidos por empresas turísticas (hotéis e agências turísticas), uma relação muito valorizada pelos artesãos mesmo com a barreira linguística. Interfere também na produção, visto que os períodos de férias (junho, julho, novembro, dezembro e Janeiro) a demanda é crescente.

Para formação do preço creditado nas peças são considerados o tempo gasto, o tamanho e a dificuldade de fabricação.

A Nov'Arte trabalhando em parceria com a FAM reaproveita a madeira morta, os artesãos trabalham com resíduos encontrados em madeiras, serrarias locais, além de áreas de retirada de madeira da indústria moveleira ou naval. Há diferentes tipos de resíduos de madeira classificados conforme sua origem (Figura 47), como industriais ou gerados no meio urbano, conforme apresentado.

Figura 47 - Classificação dos tipos de Resíduos de Madeira.



Fonte: M. Wiecheteck, 2009.

Para Wiecheteck (2009) os resíduos urbanos de madeira merecem uma abordagem diferenciada, já que os mesmos compõem o passivo ambiental gerado pelos resíduos. O trabalho com resíduos é compreendido aqui como o retorno de uma matéria-prima ao ciclo de produção para gerar um novo produto, sendo que esta prática é associada ao consumo, ao meio ambiente e ao lucro.

Os refugos utilizados oferecem ao artesão da Nov'Arte uma ampla gama de cores e usos, viável para a fabricação de peças artesanais e utilitários pequenos, ajudando a comercialização dos produtos ao agregar um valor único e “brasileiro”, tornando os especialmente atrativos no mercado. A figura 48 apresenta as madeiras utilizadas para fabricação dos produtos da Nov'Arte.

Figura 48 – As madeiras utilizadas pela Nov'Arte.





Fonte: Katiúscia Auzier, 2016.

A importância dos pequenos objetos de madeira da Nov'Arte ocorre também por conta da viabilidade econômica, considerando que a matéria-prima tem baixo custo, ou em algumas coletas, gratuidade. Além disso, o produto manufaturado pode ser diversificado, e, não obstante, o preço final das peças constitui-se em um agente facilitador para o escoamento da produção. A produção de pequenos objetos de madeira resulta de especificidades e de uma multiplicidade de condições, tais como: da trajetória dos artesãos e de sua relação com os objetos (MONTEIRO, 2006; LOPES 2009; DIEDERICHSEN, 2003).

Os artesãos pesquisam a existência de madeiras mortas nos roçados que as pessoas queimam para plantar, sobras da construção civil, madeira caída naturalmente, resíduos abandonados pelos madeireiros, às vezes, são doações de proprietários de sítio ou do IBAMA. Estes resíduos são selecionados, cortados, condicionados (Figura 49) e secados antes de serem entalhadas e polidas até apresentarem alta qualidade no acabamento das peças decorativas que retratam espécies da fauna amazônica.

Figura 49 - Armazenamento da madeira.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2016.

Da arte manual feita de maneira simples, com formão²¹ e terçado, tem na parceria com a FAM a atualização de maquinário como lixadeira, serra de mesa, furadeira e motosserras (Figura 50) que auxiliam no trato com peças de madeira de vários tamanhos, aumentando a capacidade de produção e a qualidade do produto final, técnicas artesanais que nasceram da necessidade de transformar a matéria-prima local em objetos utilitários.

Figura 50 - Galpão da FAM.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2016.

A produção acontece integralmente na sede da FAM, eles estipulam um horário determinado de trabalho, mesmo não sendo rígido.

²¹ Ferramenta usada pelos artesãos composta por uma lâmina afiada numa das extremidades, estando a outra embutida num cabo (Descrição da pesquisadora).

Percebe-se que cada artesão controla a qualidade de seu artesanato, sendo o olhar da coordenadora de artesanato e responsável pela venda dos produtos da loja na própria Nov'Arte a última análise, na identificação de falhas as peças são retornadas ao artesão, que tem seu nome gravado com pirógrafo²² (Figura 51).

Figura 51 - Identificação dos artesãos em suas peças.



Fonte: Kátiuscia Auzier, 2017.

A fundação compra os produtos da Nov'Arte, como relatado anteriormente, ao valor de venda acrescenta 30%, para título de formação de capital de giro e demais gastos. Obedecendo aos mesmos critérios de precificação da AANA. As agências de turismo são os principais compradores do artesanato em madeira.

A participação em feiras é vista como importante forma de comercialização e exposição dos produtos a um público mais amplo, como também adquirir mais experiência com vendas, uma oportunidade de reconhecimento e possíveis encomendas.

Os entrevistados afirmam que suas aptidões individuais foram desenvolvidas e incentivadas por meio dos cursos profissionalizantes oferecidos pela FAM, vale assinalar o envolvimento e o crescimento que acontece de maneira individual para o coletivo (Figura 52).

²² Equipamento utilizado para marcar a madeira, perfurando superfícies (Descrição da pesquisadora).

Figura 52 - Artesãos da Nov'Arte produzindo.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2017.

Dá-se evidência a frase em destaque na Fundação “tradição e qualidade transformando madeira morta em bichos da Amazônia”, vale destacar também que o galpão de produção e a loja são povoados por delicadas esculturas de animais característicos da região (Figura 53), feitos com matéria prima encontrada em florestas locais, um olhar claro da relação com a natureza, obras que não fogem à realidade vivenciada por estes artesãos, que procuram aliar seus conhecimentos culturais com qualidade de vida, conduzidos por uma consciência ambiental que os envolve. Um trabalho coletivo que valoriza o trabalho do artesão e o estimula a mudanças, mostrando a importância de se profissionalizar, aperfeiçoando seu produto, por meio de cursos oferecidos.

Figura 53 - Tartaruga em madeira da Nov'Arte.



Foto: José Antunes Neto, 2016.

3.3 Saber e saber fazer

Para Roriz (2010) a transmissão de saberes e a aprendizagem prática ou informal do artesanato esta relacionada à família e a comunidade, e também do investimento de cursos e escolarização dos artesãos. Na AANA a produção de caráter familiar é o principal fator relacionado à difusão de saberes, reproduzindo o conhecimento das técnicas artesanais do dia-a-dia. O aprendizado inicial parte principalmente da observação, olhando e ajudando os pais os parentes ou mesmo a vivência com os artesãos mais experientes no galpão da sede.

Verifiquei que as crianças podem fazer o artesanato, o trançado é permitido a elas. Para as crianças apenas uma brincadeira, um passatempo, para os pais um momento partilhado com a família, um ocasião de estarem reunidos, a necessidade do ensinamento. Aos jovens também é permitido à aprendizagem do ofício, como também a responsabilidade da coleta de arumã.

As atividades de produção dos artesanatos se dão em um ambiente descontraído (Figura 54) e de estreitas relações interpessoais, os artesãos trabalham sentados no chão trançando as fibras com uma habilidade fascinante, imprimindo no seu trabalho a identidade do lugar.

Figura 54 – Uma tarde na sede da AANA.



Fonte: José Antunes Neto, 2017.

Registra-se por meio das falas que a atividade intelectual não esta dissociada do fazer manual, o trançado de arumã é uma atividade considerada inteligente, visto que é preciso considerar as medidas (Figura 55) que os clientes pedem, habilidade e paciência tanto no trançado como na finalização.

Figura 55 - Fibras e cores.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2017.

Outra importante forma de aprendizado é a transferência dos conhecimentos e das técnicas se dá por meio de cursos, além do trabalho expressivo da Fundação Almerinda com a comunidade, oferecendo cursos para pessoas que nunca tiveram contato com o artesanato a mesma busca parcerias com instituições como o Sebrae e Ipê.

A maioria dos artesãos entrevistados no espaço da FAM não possuíam tradição familiar, iniciaram no artesanato por meio dos cursos de capacitação, tendo este papel essencial. Mesma maioria que exerciam outras funções (dona de casa, agricultor, estudante, serralheiro) exemplos da aprendizagem por meio de cursos.

O artesanato brasileiro tem hoje, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 8,5 milhões de artesãos, responsáveis por um movimento financeiro anual de R\$ 28 bilhões, próximo ao das indústrias automobilísticas e da moda. Os números comprovam a capacidade do artesanato como gerador de emprego e renda.

Havendo perspectivas muito favoráveis ao artesanato no mercado atual, mesmo possíveis conflitos entre a estética que pressupõem o belo e o uniforme, a homogeneidade (Roriz, 2010). Os artesãos demonstram confiança na qualidade e beleza do próprio trabalho, consideram que seus produtos são muito bem aceitos pelos clientes.

Chamo a atenção que na FAM, ocorre a fuga do pensamento que perpassa a transmissão do conhecimento das gerações do mais velho ao mais novo. Há caso de filho na função de aprendiz de artesão que levou o pai para participar dos cursos da Fundação, “eu vim pra cá, trazido pelo meu filho. Tinha um curso, eu fiz por fazer e fiquei e depois que eu vim pra cá não saí mais, a minha casa é aqui” (artesão da Nov’Arte, Out. 2016).

E esposa que levou o marido, “Eu vim depois da minha mulher, ela que me trouxe, ela fazia artesanato em madeira, agora ela trabalha mais na reciclagem de papel. Quando comecei na Fundação, eu fazia umas arraias feinhas, aí minha mulher concertou elas pra mim.” (artesão da Nov’Arte, Out. de 2016).

A capacitação foi relacionada à possibilidade de aquisição de novos conhecimentos, evolução do trabalho e a melhoria da qualidade das peças, sendo motivo de orgulho. O repasse dos saberes é estimulado pela valorização e pelo aperfeiçoamento do produto artesanal. Mesmo na AANA que caracteriza seus artesãos pela aprendizagem de maneira informal, eles participaram de cursos de capacitação, acreditando na importância da aquisição do conhecimento para o aperfeiçoamento do trabalho.

Para o artesão da AANA “sozinho ninguém caminha, tem que ter uma parceria boa, ainda mais a associação aqui, a dificuldade existe todos os dias, com tempo fizemos umas parceria boas, com a própria FVA, nos trouxemos de volta, com a UFAM que foi uma parceria assim super legal” (artesão da AANA, 2016).

A FAM atualmente desenvolve a qualificação do artesão e posterior apoio a produção dos associados da Nov’Arte e procura ampliar suas atividades abarcando varias classes faixas etárias.

Identificaram a necessidade de trabalhar com os filhos dos artesãos, que já estavam aqui, sendo capacitados, então aí deu o início no projeto ateliê das crianças, no início começaram com crianças de cinco anos depois eles foram alterando a idade e hoje de 7 a 12, é o ateliê das crianças e quando foi em 2013, 2014 a coisa de trabalhar com adolescente, então deu início o pró-futuro que aí tá pegando de 13 a 17 anos (Coord. de Projetos de Educação da FAM, 2016).

Figura 56- Espaços na FAM para a educação Infantojuvenil.



Fonte: José Antunes Neto, 2016.

Foi criado um programa de educação que atendesse crianças e adolescentes, trabalhando a educação ambiental e o viver ao redor de uma área protegida (Figura 56).

Objetivando também despertar nos jovens o interesse pelo fazer artesanato. Conforme trecho abaixo:

Quando nós começamos a capacitação do artesão profissional, nós percebemos muitas falhas na educação, em geral, impedindo o bom crescimento do aluno ou do aprendiz na formação de mão-de-obra qualificada. Esta realidade necessitou a organização de vários cursos paralelos para paliar ao conhecimento insuficiente da maior parte dos alunos, alterando o planejamento do programa completo de capacitação. Visando sempre objetivos a médio e longo prazo, nós decidimos investir diretamente em programas de educação para crianças e adolescentes em vez de remediar a cada nova turma de alunos, entrando na capacitação profissional (site da FAM, acesso em 2016).

O pensar a educação ambiental pode ser percebida no depoimento a seguir:

A gente começou 2005 pensar uma coisa assim, agora a educação ambiental, o problema ambiental de Novo Airão, como os parques nacionais, os dois, 85% é protegida, tem litígio com a população, com os caboclos, pessoas coisa assim, vamos criar um programa para crianças de educação ambiental, entender melhor a necessidade (Fundador e Coordenador da Fundação Almerinda Malaquias, Set. 2016).

Com o intuito de atrair as esposas dos artesãos da Nov'Arte a frequentarem as FAM, foi criado o trabalho com reciclagem de papel e produção de sabonetes artesanais (Figura 57). “Continuando na mesma linha de criar atividades de geração de renda sem agredir o meio ambiente, os dois programas que tem atrativos para um público sempre mais receptivo. Aprimorando a técnica e a arte, o número de famílias beneficiárias locais pode aumentar rapidamente” (Site FAM, Acesso em 2016).

Figura 57 – A produção com reciclagem de papel.



Fonte: Katiúscia Auzier, 2016.

O saber formal e o entendimento do contexto que estão inseridos estão de muitas formas ligadas ao trabalho artesanal, refletindo nas suas escolhas, nos seus projetos e nas oportunidades que fomentam. A capacidade inventiva e o fazer desses artesãos não é um processo individual, mas coletivo. É a simples soma de experiências individuais, práticas produtivas, fundadas na simbolização do seu ambiente, padrões culturais de uso e consumo dos recursos, gerando diversas formas de apropriação e percepção, experiências cristalizadas por meio do artesanato, uma forma de significação intimamente relacionada com a organização econômica e as práticas produtivas dessas instituições (MELLO, 2008; LEFF, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo buscou-se analisar as dinâmicas do artesanato de Novo Airão e o modo como essa produção poderia funcionar como mediadora das relações sociais e econômicas locais. O trabalho realizado na cidade com a FAM, Nov'Arte e AANA, constituiu um objeto complexo e dinâmico, que abrangeu realidades diversas e particulares, a partir das observações e fala dos entrevistados envolvidos com seu trabalho artesanal no seu cotidiano sobre sua própria realidade e seu ofício.

Aponta para a importância de todas as ações que estas promovem naquela peculiar região. Os artesãos que delas participam são extremamente convictos do potencial natural e cultural que a cidade oferece e, em suas atividades cotidianas, procuram colaborar para que esse potencial seja aproveitado positivamente.

O desenvolvimento observado em Novo Airão vai muito além de melhorias/transformações relacionadas à renda, o desenvolvimento está pautado, principalmente, com a melhoria de vida que levam os artesãos das associações pesquisadas. Nas informações obtidas por meio das entrevistas realizadas com os artesãos, observa-se que os mesmos compreendem suas condições de vida, potencialidades e dificuldades.

Para desenvolver as reflexões pertinentes em torno de cultura, artesanato e economia, foi necessário repensar o padrão de crescimento e economia, conduzindo ao estreitamento do desenvolvimento e da cultura. A partir das questões culturais apontadas no estudo, torna-se válido afirmar que a cultura é um meio de geração de renda para estes grupos constituídos em associações. Contudo, para obter uma solidificação no mercado, os mesmos necessitam de um apoio financeiro e um direcionamento de público para a continuidade desse processo de modo independente. Vivem da sua arte, cultivada por meio de sua cultura, refletindo na satisfação e no impulso de produzir algo pertencente a si mesmo.

O trabalho artesanal estudado é construtor da identidade desses artesãos. Desenvolvido por eles, que possui a sua marca, uma aptidão que os legitima socialmente, que gera reconhecimento e valorização pública. Ainda que o artesanato produzido pela Nov'Arte e AANA não sejam valorizados pelos próprios moradores locais. Esses artesãos entendem que são capazes de conceber valores, de transformar e construir algo que é próprio seu. As peças artesanais são compreendidas por esses sujeitos como um processo e não um resultado, inseridas nas suas relações sociais nas quais são significadas pelos artesãos.

Os artesanatos produzidos pela AANA e pela Nov'Arte transformam algo de valor cultural em um bem consumível, vendido para obtenção de lucro. Podendo produzir muito

mais e melhor se estiver inserido na economia real, como consequência da firmação de uma cultura empreendedora, em que o maior desafio é transformar o artesanato em uma atividade econômica com base em melhores condições.

É extremamente complexa a questão que envolve a emergência dos empreendimentos locais e o uso de produtos florestais, segundo critérios de sustentabilidade. Sigo refletindo quais as possibilidades de desenvolvimento diante as limitações de acesso e uso dos territórios pelos artesãos da AANA e Nov'Arte, uma maneira de viabilizar sistemas de manejo e devidas manipulações do ambiente que favoreçam suas atividades. As formas organizacionais das instituições e as suas autodefinições como coletividade servem à reivindicação de direitos de uso sobre os recursos naturais.

Os artesãos que entrevistei insistem em políticas públicas que estejam de acordo com a realidade da região, sendo necessário reconsiderar as estratégias de conservação e preservação principalmente de Anavilhanas, com a implantação de UCs de uso indireto. Essa dissertação relata o esforço desempenhado por esses artesãos, um passo para a ação de pesquisas que reflitam necessidades e potencialidades locais.

O conceito de economia criativa abordado nesse estudo tem a visão da produção artesanal como um processo, em que o produto criado pelo artesão da Nov'Arte ou da AANA será intermediados por um mercado e consumidos por um público específico, logo a dissertação não abrangeu todo o ciclo da cadeia produtiva, sendo necessário ouvir todos os envolvidos. Este estudo se concentrou nos artesãos, no seu dia-a-dia, suas limitações, seus anseios, suas relações e sua produção e sua cultura.

Apreendendo que uma das principais questões apresentadas é como as relações podem ser utilizadas para melhoria das questões sociais, econômicas e ambientais. Essas instituições podem se configurar em redes de empreendimentos alternativos adaptados a realidades específicas que caracterizam um sistema de inovação. A crescente centralidade do intangível caracteriza a época que estamos vivendo e é um contraponto à economia tradicional baseada em recursos naturais, tangíveis.

A boa demanda de mercado garante a Nov'Arte e a ANA saldos positivos, através da qualidade de seus produtos e reconhecimento de uma identificação coletiva. Os grupos não se encontram totalmente autônomos e capazes de conduzirem o próprio desenvolvimento, no entanto, em meio a tantas adversidades, o processo produtivo se mantém.

O sucesso e a sustentabilidade das atividades artesanais em Novo Airão dependem das dinâmicas sociais, ambientais, culturais, econômicas, afetivas e políticas. A melhoria do trabalho artesanal requer debates nas diferentes esferas, envolvendo questões como melhoria

das condições sociais, manutenção dos recursos naturais, mercado verde, parcerias e mecanismos de financiamento a cultura, promoção da educação, entre outros.

A inovação do artesanato em fibras vegetais e refugo de madeira, atrelado ao conceito de sustentabilidade, baseia-se no uso dos recursos naturais como fundamento para a conservação da diversidade natural e cultural. É indispensável a troca de conhecimentos entre os “empreendedores florestais” tanto para expandir as discussões sobre as necessidades emergentes que demandam o desenvolvimento dessas atividades, quando seu fortalecimento enquanto produtores culturais (NAKAZONO, 2007).

Ainda na pesquisa de campo, este sinalizou para várias categorias como conflito, relações de gêneros e pluriatividade. O confronto entre os objetivos propostos e o tempo não me permitiram aprofundamento de importantes e primorosas questões como também o futuro da nova configuração social e desenvolvimento da Nov’Arte e da AANA, avaliando os desdobramentos sociais e sustentáveis pontos que podem ser um bom tema de pesquisa vindoura.

Finalizando, neste estudo foi proposto observar a dinâmica entre o artesanato, a sustentabilidade, a economia criativa e as instituições, no entanto, pude perceber enquanto turismóloga que estuda e pensa a Amazônia que é importante assinalar que a atividade turística é um assunto discutido e valorizado pelas Associações, infelizmente pouca atenção recebe da iniciativa pública. No mais, as Associações buscam um espaço equitativo de fabricação, nas entrevistas realizadas com os artesãos, percebeu-se que existe uma preocupação por parte dos mesmos, em agregar valor aos produtos, para que estes tenham a cara de Novo Airão e de seus moradores.

O turismo é uma das atividades econômicas que envolve diretamente ou indiretamente vários setores da economia além do fator humano, o sujeito da ação, que está presente em todas as atividades, seja como consumidor ou como produtor, interferindo dessa forma no relacionamento interpessoal, com seus costumes, experiências, cultura e modo de viver.

No caso do artesanato tem se tornado um atrativo que compõe o produto turístico local, e que é trabalhado com responsabilidade em todos os seus aspectos compreendidos como garantidor de melhorias. É nessa perspectiva que se situa o trabalho dos artesãos de Novo Airão, foco do presente estudo, um exemplo da capacidade inventiva e criativa posta a serviço de melhorias sociais.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade no mundo do trabalho**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- ALBUQUERQUE, F. J. B.; CIRINO, C. S. **Expectativas dos sócios e técnicos sobre as cooperativas agrárias**. Revista de Psicologia Organizações e Trabalho. P.73-96, 2001.
- ALMEIDA, A.W.B. **Mediação sem Mediana: comentários à ação da FVA junto à AANA**. Relatório de Consultoria, 2001. P. 30.
- ALMEIDA, A. W. B de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2.^a ed., Manaus: PPGCA– UFAM, 2008.
- AUZIER, K. **Economia criativa, identidade cultural e turismo: um estudo nas Associações de Artesãos de Novo Airão (AM)**. Monografia. (Curso de Turismo) Universidade do estado do Amazonas, Manaus-AM, 2012.
- BARTH, Fredrik. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005
- BITTENCOURT, Luciana Aguiar. **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica**. In: FELDMAN BIANCO, Bela; LEITE, Mirian L. Moreira (org.). **Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeos nas ciências sociais**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- BONIFÁCIO, J. **Relatório da primeira oficina de artesanato**. Yakino – Associação de Produção e Cultura Indígena. Programa de Desenvolvimento Indígena da Amazônia Brasileira. Barcelos, AM, 20 a 23 de maio de 2002. 19 p.
- BOURDIEU, Pierre. **Introdução a uma sociologia reflexiva**. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Editora Difel, 1989.
- BRAMBATTI, Luiz Ernesto. **O associativismo e a participação comunitária em turismo**. In: Congresso de Desenvolvimento Regional, 2006, Rio Grande do Sul.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio Exterior. **Programa do Artesanato Brasileiro: Base conceitual do artesanato brasileiro**. Brasília, 2012.
- BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações**. 2011 -2014. Brasília, 2011.

- CALDENHOF, Satya Bottin Loeb. **Reserva extrativista do rio Unini: conflitos e estratégias socioambientais no Rio Negro/AM**. 2009. 221 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Curso de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- CANCLINI, Néstor G. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. 2. Ed. Brasília: Paralelo 15; Editora UNESO, 2000.
- CARVALHO, J.E.C. **As Representações Sociais e o Conhecimento do Cotidiano: Uma crítica metodológica a partir da Filosofia da Linguagem**. Rev. Neurociências 2005, 13(3): 145-151.
- CAVALCANTI, Virgínia Pereira. **Tecnologia como argumento de competitividade: a vitrificação de produtos em cerâmica artesanal**. In 9º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2010. Disponível em <http://blogs.anhemi.br/congressodesign/anais/tecnologia-como-argumento-de-competitividade-a-vitrificacao-de-produtos-em-ceramica-artesanal/>
- CODO, W. (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da Educação. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.
- COMERFORD. John Cunha. **Fazendo a luta: sociabilidade, falas e rituais na construção camponesa**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.
- CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE AS POLÍTICAS CULTURAIS, 1982, México, **Declaração do México**: ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, 49.
- CHAVES, M.P.S.R. **Avaliação Participativa da Associação de Artesãos de Novo Airão – AANA**. Relatório de Consultoria. Universidade Federal do Amazonas, Depto. De Serviço Social, Manaus, AM, jan. / 2003. P. 30.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- DEHEINZELIN, Lala. **Economia Criativa, Sustentabilidade e Desenvolvimento Local**. In: Caderno de economia criativa e desenvolvimento local. SEBRAE / ES e Secult Vitória, 2008.
- DIEDERICHSEN, Lars. **Artesanato e Design**. Porto Velho: SEBARE-RO, 2003.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.
- DUISENBERG, Edna dos Santos. **Economia criativa: Uma opção de Desenvolvimento viável?** In: Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

DUNLOP, Regina. **Artesanato Solidário**. In: Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 147:11/22, out.-dez. 2001.

FARIA, H. **Cultura e Sustentabilidade**. Disponível em <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=671>.

FARIAS Iracema Quintino; MOREIRA, Vilma; VIDAL, Francisco Antônio. **Empreendedorismo Social e Economia Solidária: Um Estudo de Caso da Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável da Comunidade do Grande Bom Jardim**. 2010

FERREIRA, A.B. de H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010

FERREIRA, J. **A centralidade da cultura no desenvolvimento** – In. Barroso, Aloísio Sérgio; Souza, Renildo (orgs.). **Desenvolvimento: ideias para um projeto nacional**. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 2010. p. 265-278. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/2010/12/13/a-centralidade-da-cultura-no-desenvolvimento/> acesso em 30 de outubro de 2013.

FERREIRA, T. (org). **Traçados e entalhes de Novo Airão**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2010.

FLORIDA, Richard. **A transformação do cotidiano**. In: A ascensão da classe criativa: e seu papel na transformação do trabalho, lazer, comunidade e cotidiano. Tradução de Ana Luiza Lopes. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

FONSECA, A. P. **(Eco) turismo e territorialidade: a (in) sustentabilidade na Boca da Valéria / Parintins – AM**. Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Manaus: UFAM, 2010.

FUNDAÇÃO VITÓRIA AMAZÔNICA. **A gênese de um plano de manejo: o caso do Parque Nacional do Jaú**. Manaus: Fundação Vitória Amazônica, 1998.

FUNDAÇÃO VITÓRIA AMAZÔNICA. **Uma análise crítica das unidades de conservação do Baixo Rio Negro com propostas para as unidades estaduais**. Manaus: A Fundação, 2005.

FVA – IBAMA. **Plano de manejo do parque nacional do jaú**. Manaus: FVA/IBAMA, 1998.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

_____. **Os usos da diversidade**. In: Nova Luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo Centauro, 2006. MENDES, Sandra Regina e Anjos, Dílson Araújo(org). Ipiaú: histórias de nossa histórias. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRI-PAUL; LAUWE, M. J. C de. **A evolução contemporânea da família**: estruturas, funções, necessidades. ICS.UL, Lisboa, 2013, Disponível em: . Acesso em 27 de Dezembro de 2016.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniéle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa. [online]. v. 37, nº 132, p. 596-609, set./dez. 2007.

HOBBSAWN, Eric. **Introdução**: A invenção das tradições. In Hobsbawn, Eric; RANGER, Terence. (Orgs). A invenção das tradições. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HUTNYK, John. **Culture In**: Theory, Culture & Society. Vol. 23, n 2–3, p. 351–375, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Populacional 2010**. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_amazonas.pdf.

JESUS, Edilza Laray de. **Desafios e perspectivas para pensar e articular o ecoturismo no Amazonas**. Revista Eletrônica Aboré. 5 ed. Manaus, 2010.

KELLER, P.F. **Trabalho e economia do artesanato no capitalismo contemporâneo**. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2014, Natal.

LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Tradução de Jorge Esteves Silva. Blumenau: FURB, 2000.

_____. **Saber Ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Raça e História**. In: Antropologia Estrutural II. 4 ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LIMA, Frederico Guilherme Ferreira. **Características do associativismo e o paradoxo do desenvolvimento local**: um estudo de caso da ranicultura em Guaratiba. Rio de Janeiro, 2010. 115p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local). Centro Universitário Augusto Motta.

LIMA, R. G. **O povo do Candeal**: sentidos e percursos da louça de barro. Tese de doutorado em antropologia – Programa de pós – graduação em sociologia e antropologia. Rio de Janeiro: IFCS, UFRJ, 2005.

LOPES, C.S.D. **Desenho de Pequenos Objetos de Madeira com Resíduo da Indústria de Processamento Mecânico da Madeira**. Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente – INTERFACEHS. 4, n. 3, artigo 1. 2009.

LUSSI, Carmen. **Notas sobre trabalho em rede**. Disponível em www.csem.org.br/pdfs/notas_sobre_trabalho_em_rede.pdf

MACHADO, Jurema. **Em busca do lugar da cultura no processo de desenvolvimento**. In: Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014 Brasília, Ministério da Cultura, 2011. 156 p.

MADEIRA, M. G. **Economia criativa: implicações e desafios para a política externa Brasileira**. Brasília: FUNAG, 2014.

MEDEIROS, Thais Helena. **Redes de sociabilidade e comércio na floresta: artesanias em palha de tucumã entrelaçam grupos e vidas nas enseadas do Rio Arapiuns em Santarém/PA**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

MELLO, Luís Gonzaga de. **Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas**. 14 ed. Petrópolis. Vozes, 2003.

MONTEIRO, S.S.M., 2006. **A Produção de Pequenos Objetos de Madeira: Um estudo de caso: a empresa “Móveis Souza”**. Dissertação (Pós Graduação) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Pará – UFPA. Belém: UFPA, 2006. 123 p.

NAKAZONO, Erika. **O empreendimento local do artesanato em fibras vegetais, Amazônia Brasileira**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento sustentável do Trópico Úmido) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2007.

NEWBIGIN, J. **A economia Criativa: Um guia Introdutório**. British Council, Londres, 2010.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, n 10, 1993,pp.07-28.

OLIVEIRA, R.C.O. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: O trabalho do antropólogo. 2.ed. SP: UNESP/Pararelo 15, 2000.

PEREIRA, C. J. C. **Artesanato: Definições e evolução**. Ação do MTB – ONDA. Brasília, Ministério do Trabalho / secretaria Geral, Planejamento e Assuntos Gerais. 1979.

PIETRAFESA DE GODOI, Emília. **O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí**. Campinas, SP: Editora da Unicamp,1999.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. **Mulheres do arumã do baixo Rio Negro**. Fascículo 12. Manaus - AM, 2006.

REIS, A.C.F. (org) **Economia criativa: Uma opção de Desenvolvimento viável?** In: Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo : Itáu Cultural, 2008.

_____. **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento:** uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itáu cultural, 2008.

_____. **Economia Da Cultura e Desenvolvimento:** estratégias nacionais e panorama global. 2009

REIS, A.C.F; MARCO, K. (org) **Economia da cultura:** ideias e vivências. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A expansão portuguesa na Amazônia nos séculos XVII e XVIII.** Rio de Janeiro: SPVEA, 1959.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. Colaboradores José Augusto de Souza Peres... (et al.). São Paulo: Atlas, 1999.

RORIZ, Priscila Carvalho de Oliveira. **O trabalho do artesanato e suas interfaces Culturais-Econômicas.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações). Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2010.

SACHS, Ignacy. Caminhos para o desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. **Desenvolvimento:** incluyente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamound, 2004.

_____. **Ecodesenvolvimento crescer sem destruir.** Terra dos Homens. 1ª ed. São Paulo: Editora Vértice, 1986.

SALORTE, L. **Carpinteiros dos rios:** o saber da construção naval do município de Novo Airão/AM. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus – AM, 2010.

SANTANA, M. C. S. **Relações de gênero, desenvolvimento local e participação das mulheres na comunidade Mem de Sá, Itaporanga D’ajuda/ SE.** In: 4º Encontro da Rede de Estudos Rurais. Curitiba, 2010.

SANTOS, José Luis dos. **O que é Cultura.** 14 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SEBRAE. **Artesanato:** Um negócio genuinamente brasileiro. Edição comemorativa de 10 anos. Vol. 1, nº 1, Março de 2008.

SOUZA, J.L. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? InIn: RODRIGUES, Adyr Balastrieri, (org.) Turismo e desenvolvimento local. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHMIDT, Carla Maria; DREHER, Marialva Tomio. **Cultura empreendedora: empreendedorismo coletivo e perfil empreendedor.** Revista de Gestão USP, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-14, janeiro/março 2008.

TUAN, Y. -F. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

VELOSO, Mariza. **Patrimônio imaterial, memória coletiva e espaço público.** In Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização. Texeira, João Gabriel L.C. et AL(org.). Brasília: ICS – Unb, 2004.

WIECHETECK, M. **Aproveitamento de resíduos e subprodutos florestais, alternativas tecnológicas e propostas de políticas ao uso de resíduos florestais para fins energéticos.** Projeto PNUD BRA 00/20 - Apoio às Políticas Públicas na Área de Gestão e Controle Ambiental. CURITIBA-PR, 2009.

APÊNDICES



APÊNDICE 1 ROTEIRO DE ENTREVISTA - ARTESÃO

Fundação Almerinda Malaquias / Associação de Artesãos de Novo Airão

DATA: _____

NOME / INICIAIS: _____

FUNÇÃO: _____

ESCOLARIDADE:

- Nunca estudou ()
Ensino Fundamental completo () incompleto ()
Ensino Médio completo () incompleto ()
Ensino Superior completo () incompleto ()
Pós Graduação concluída () em andamento ()

IDADE: _____ **SEXO:** F () M ()

1. O Sr.(a) nasceu em Novo Airão?
Sim ()
Não () Por que escolheu Novo Airão para viver?
2. O porquê desse espaço?
3. Quem são seus fundadores?
4. O Sr. (a) está desde o início das atividades? Sim () Não ()
5. Quantas pessoas fazem parte da Associação?
6. Todas são da comunidade? Sim () Não ()
7. O que o sr.(a) acha do Parque Nacional do Jaú e de Anavilhanas?
8. O que o sr.(a) acham das Unidade de Conservação?
9. O que significa a Fundação / Associação para o Sr.(a)?
10. O que é o artesanato da Associação?
11. Qual a principal matéria-prima da associação?
12. Como são adquiridos?
Coletados / Extraídos () Comprados ()
13. Como a Fundação/ Associação realiza a divulgação de seu trabalho?
14. Quem compra o artesanato da Associação?
15. Em sua opinião os artesanatos produzidos pela Associação retratam elementos da cultura local?
Não ()
Sim () Quais? _____
16. A associação cria algo novo, ou retrabalha algo já existente?
17. Para o sr. (a) o que é sustentabilidade?
18. A Associação recebe algum apoio/incentivo de alguma entidade seja pública ou privada?
Não ()
Sim () Que tipo? _____
19. Quais as principais peças produzidas pela Associação? Quais os mais vendidos?
20. Em sua opinião o que ajudaria o artesanato de Novo Airão?

**ROTEIRO DE ENTREVISTA – PRESIDENTE/DIRETORES****Fundação Almerinda Malaquias / Associação de Artesãos de Novo Airão****DATA:** _____**NOME / INICIAIS:** _____**FUNÇÃO:** _____**ESCOLARIDADE:**

- Nunca estudou ()
Ensino Fundamental completo () incompleto ()
Ensino Médio completo () incompleto ()
Ensino Superior completo () incompleto ()
Pós Graduação concluída () em andamento ()

IDADE: _____ **SEXO:** F () M ()

1. O Sr.(a) nasceu em Novo Airão?
Sim ()
Não () Por que escolheu Novo Airão para viver?
2. O sr. (a) sabe há quanto tempo existe a Fundação / Associação?
3. O Sr. (a) está desde o início das atividades? Sim () Não ()
4. O Sr. (a) produzia artesanato antes dos Parques?
Sim () Não ()
5. O que o sr.(a) acha do Parque Nacional do Jaú e de Anavilhanas?
6. O sr.(a) sabia que os Parques Jaú e Anavilhanas são Unidade de Conservação?
Sim () Não ()
7. O que o sr.(a) acham das Unidade de Conservação?
8. Para o sr. (a) o que é sustentabilidade?
9. O que significa esse espaço para o Sr.(a)? Por que trabalhar com artesanato?
10. O que é o artesanato da Fundação / Associação?
11. Qual as peças que o sr. (a) produz? Qual a principal matéria-prima que o sr (a) utiliza?
12. Como o sr. (a) adquire?
Coletados / Extraídos () Comprados ()
13. Como Aprendeu?
14. Fez algum curso depois?
Não () Sim ()
Quais?
15. Quanto tempo em média o sr. (a) leva para fabricar cada peça?
16. Alguém mais da sua família faz artesanato?
Sim () Não ()
17. Em sua opinião os artesanatos produzidos pela Associação/Fundação retratam elementos da cultura local?
Não ()
Sim () Quais? _____
18. A Fundação / Associação cria algo novo? Como ocorre a escolha das peças a serem trabalhadas?

19. Quais os mais vendidos?
20. Em sua opinião o que ajudaria o artesanato de Novo Airão?

**ROTEIRO DE ENTREVISTA****Secretaria Municipal de Cultura e Eventos de Novo Airão****DATA:** _____**NOME / INICIAIS:** _____**FUNÇÃO:** _____**FORMAÇÃO:****SEXO:** F () M ()

1. O Sr.(a) nasceu em Novo Airão?

Sim ()

Não () Por que escolheu Novo Airão para viver? _____

2. Há quanto tempo assume tais funções na secretaria?

3. Há algum projeto para trabalhar a cultura com a população da cidade?

4. Qual a principal atividade econômica que a secretaria identifica na cidade?

5. A secretaria tem alguma parceria com a Fundação Almerinda Malaquias e/ou Associação de Artesãos de Novo Airão?

6. Há alguma dificuldade que a secretaria encontra para desenvolver seus projetos e/ou atividades com a comunidade?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NA
AMAZÔNIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da pesquisa “**Artesanato de Novo Airão: Sustentabilidade, identidade cultural e economia criativa**” sob a responsabilidade da pesquisadora **Katiuscia da Silva Auzier**, na qual o (a) Sr (a) poderá entrar em contato no endereço Av. Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000 - Campus Universitário Bloco T Setor Sul – Coroado CEP 69077-000 - Manaus/AM - Telefone - (92) 3305-4068, Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, ou pelo e-mail: kat_auzier@hotmail.com, sob a orientação da Prof. (a) Dr.(a) Kátia Helena Schweickardt, que também se encontra no mesmo endereço descrito anteriormente, e no e-mail: katia.helena.ufam@gmail.com.

Esta pesquisa está associada ao projeto de mestrado da mesma, do programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, a qual pretende analisar o modo como a produção artesanal pode funcionar como mediadora das relações sociais e econômicas locais, com os princípios da sustentabilidade da economia criativa. Buscando compreender os processos de reprodução identitária dos artesanatos fabricados na Associação de Artesãos de Novo Airão (AANA) e na Fundação Almerinda Malaquias (FAM) frente às novas demandas de mercado e particularmente pela sustentabilidade da Economia Criativa, como também identificar e analisar as relações e os aspectos socioculturais e ambientais presentes na produção dos artesãos das instituições e analisar as correlações entre as demandas contemporâneas de mercado e a produção do artesanato local, a partir dos processos de fabricação dos artesanatos.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista que será gravada em áudio e haverá utilização de máquina fotográfica para fotos com seu consentimento, nesta pesquisa consistirá apenas em responder as perguntas que lhe serão feitas e que será realizada com sua concordância, em data, horário e local a ser combinado. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terá acesso a pesquisadora.

Considera-se que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco. Os riscos decorrentes da participação dos sujeitos nesta pesquisa, ainda que mínimos, são os de causar cansaço ou aborrecimento ao responder a entrevista, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias. Para evitar tais riscos, ao início das entrevistas será esclarecido o seu conteúdo, qualquer manifestação de incômodo, a entrevista será interrompida, você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. As perguntas serão a respeito da atividade econômica excedida pelo entrevistado. O trabalho é regido pela norma RE 466/12 que lhe garante total sigilo e o resguarda de qualquer constrangimento quanto à exposição

da imagem ou informação pessoal. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes sobre a cultura, a economia e as atividades artesanais praticadas em sua cidade. Você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como nada será pago pela participação. Caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, você será ressarcido em forma de dinheiro, advindo de recursos próprios da pesquisadora responsável. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. Para qualquer outra informação, o(a) Sr(a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone fixo (92) 3305-1180 Ramal 2004 ou e celular 99171-2496, e o e-mail: cep.ufam@gmail.com.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

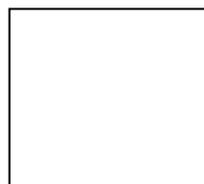
Consentimento Pós-Infirmação

Eu, _____, RG _____ fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: ___/___/___

Assinatura da Pesquisadora Responsável



Assinatura da Orientadora

Impressão dactiloscópica

Secretaria Municipal de Cultura e Eventos de Novo Airão

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "Artesanato de Novo Airão: Sustentabilidade, identidade cultural e economia criativa", sob a responsabilidade da pesquisadora Kátiuscia da Silva Auzier, que está sob a orientação da Prof. (a) Kátia Helena Schweickardt, cujo objetivo é analisar o modo como a produção artesanal pode funcionar como mediadora das relações sociais e econômicas locais, com os princípios da sustentabilidade da economia criativa, da Universidade Federal do Amazonas, o qual terá o apoio desta Instituição.

Novo Airão, de de 2016.

KÁTUSCIA DA SILVA AUZIER

Nome
(carimbar)

27/03/16
 F.º 19339408-7
 Sec. cultura e eventos
 Novo Airão

43
57
16



Fundação Almerinda Malaquias

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "Artesanato de Novo Airão: Sustentabilidade, identidade cultural e economia criativa", sob a responsabilidade da pesquisadora Kátiuscia da Silva Auzier, que está sob a orientação da Prof. (a) Kátia Helena Schweickardt, cujo objetivo é analisar o modo como a produção artesanal pode funcionar como mediadora das relações sociais e econômicas locais, com os princípios da sustentabilidade da economia criativa, da Universidade Federal do Amazonas, o qual terá o apoio desta Instituição.

Novo Airão, 12 de julho de 2016.

Kátiuscia da Silva Auzier

Nome
(carimbar)

RG: 13576 232 9

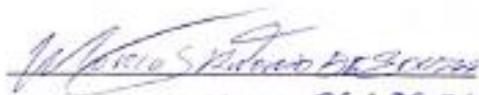
Associação de Artesãos de Novo Airão

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "**Artesanato de Novo Airão: Sustentabilidade, identidade cultural e economia criativa**", sob a responsabilidade da pesquisadora Katiuscia da Silva Auzier, que está sob a orientação da Prof. (a) Kátia Helena Schweickardt, cujo objetivo é analisar o modo como a produção artesanal pode funcionar como mediadora das relações sociais e econômicas locais, com os princípios da sustentabilidade da economia criativa, da Universidade Federal do Amazonas, o qual terá o apoio desta Instituição.

Novo Airão, de de 2016.

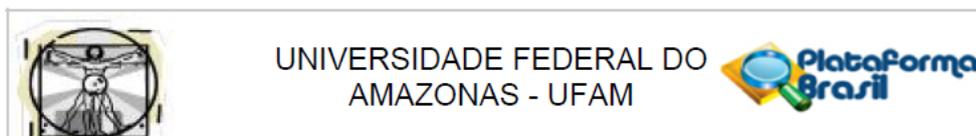
43
03
16



Nome **RG: 2954777-6**
(carimbar)

ANEXOS

Anexo 01 – Parecer de aprovação da pesquisa junto à Plataforma Brasil

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: O ARTESANATO DE NOVO AIRÃO: SUSTENTABILIDADE, IDENTIDADE CULTURAL E ECONOMIA CRIATIVA.

Pesquisador: KATIUSCIA DA SILVA AUZIER

Área Temática:

Versão: 3

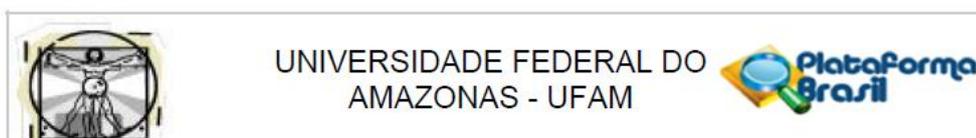
CAAE: 57272616.8.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.721.707



Continuação do Parecer: 1.721.707

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 12 de Setembro de 2016

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador)